Rainer Daehnhardt

ACERCA DA VIAGEM DE VASCO DA GAMA

1998

Publicações Quipu

ACERCA DA VIAGEM DE

VASCO DA GAMA

Rainer Daehnhardt

ACERCA DA VIAGEM DE

VASCO DA GAMA

Publicações Quipu

ÍNDICE

ACERCA DO AUTOR

O autor é descendente de uma família de diplomatas e militares alemães radicados em Portugal há dois séculos. Tendo estudado na Alemanha e em Portugal, especializou-se numa temática invulgar: "O estudo da evolução do Homem através da arma e sua utilização".

Eleito Presidente da Sociedade Portuguesa de Armas Antigas — Portuguese Academy of Antique Arms —, cargo homologado pelo governo em 1972, mantém-se nessas funções, representando Portugal em congressos internacionais e dando conferências em muitas instituições europeias e americanas.

É autor de dezenas de livros e centenas de artigos, na sua maioria ligados à armaria antiga, à História de Portugal ou à preocupação com a evolução da Humanidade.

Os seus vastos conhecimentos devem-se não só ao grande número de documentos e obras de arte adquiridos mas, sobretudo, à sua incansável busca do saber, que o faz percorrer o mundo à procura de respostas, comparando as mais diversas fontes.

PREFÁCIO

A PROPÓSITO DO V CENTENÁRIO DA PARTIDA DE VASCO DA GAMA PARA A ÍNDIA

Na inauguração duma mostra de cartografia por si apresentada numa galeria de arte de Lisboa, Rainer Daehnhardt falou-me pela primeira vez na possibilidade de o Museu de Marinha organizar uma exposição "gigantesca" — a expressão é sua — onde se abordaria a temática da expansão portuguesa dos séculos XV e XVI e para a qual contribuiria com o seu vastíssimo e muito valioso património.

Estávamos em 1989 e de imediato concordei com a sugestão, embora tivesse de encontrar ainda a melhor data para a realizar. Esta impôs-se naturalmente quando, pouco tempo depois, se começou a falar nas comemorações a levar a efeito em 1997 para evocar o meio milénio da partida de Vasco da Gama para a sua famosa viagem de descoberta.

Amadurecidos os planos, decidiu-se que a exposição seria essencialmente didáctica e, por conseguinte, coincidente com um período escolar do ano lectivo de 1997-1998.

A organização do certame pertenceu ao Grupo de Amigos do Museu de Marinha, à Sociedade Portuguesa de Armas Antigas e ao próprio Museu, mas não hesito em afirmar que o principal obreiro foi Rainer Daehnhardt. Ele delineou a exposição, propôs um título bem conseguido e de imediato aceite, redigiu os textos, que em perfeita harmonia com a Direcção do Museu foram, em alguns casos, "suavizados" para não ferir susceptibilidades de ordem religiosa ou política, enfim, seleccionou e ajudou a montar nas vitrinas e painéis milhares de peças das suas

colecções. O resultado foi uma notabilíssima exposição, inaugurada finalmente a 16 de Outubro e com encerramento previsto para o final do ano.

A Marinha Portuguesa, que nesse ano de 1997 já festejara o seu Dia na data em que se comemoravam 500 anos sobre a partida de Vasco da Gama, quis associar-se assim à organização duma exposição que também homenageava o grande navegador, em contraste com o silêncio que a Nação e os seus responsáveis resolveram guardar.

Aberto o certame, cedo nos apercebemos do interesse verdadeiramente excepcional que este estava a despertar junto dos visitantes, fossem eles estudantes e professores, ou o público em geral.

Porquê tanto interesse? O que levaria milhares de portuguesas e portugueses a passar horas naquela longa exposição e, muitas vezes, a voltar de novo?

Como bem afirma Rainer Daehnhardt na introdução desta sua nova obra, a identidade portuguesa corre o risco de se desvanecer.

A emergência da União Europeia, com a consequente eliminação de fronteiras e a livre circulação dos cidadãos, a criação de um Parlamento supra-nacional e, a breve prazo, dum Banco Central Europeu, que coordenará a moeda única, são alguns dos factos que já representam, ou irão representar em breve, realidades perturbantes, geralmente mal explicadas, que deixam o cidadão comum perplexo e preocupado.

Para mais e no nosso caso, parece que já não interessa dar a conhecer aos jovens a História de Portugal nem os feitos dos nossos maiores. Os Portugueses encontram-se assim numa encruzilhada da sua História e interrogam-se, com ansiedade, sobre o que lhes reserva o futuro.

Esta talvez seja uma das razões do sucesso da exposição *"Em Busca de Cristãos e Especiarias"*, que tendo como pretexto fundamental a viagem do Gama, aproveitou para traçar uma retrospectiva do nosso passado histórico, desde a formação da nacionalidade ao início da expansão extra-europeia.

Lendo as centenas de impressões registadas no Livro do Visitante, avulta como tema maior o agradecimento pela lição de história aprendida e pelo renascer do orgulho de ser português.

Os textos que acompanhavam a exposição e que receávamos fossem demasiado longos, foram lidos em religioso silêncio por milhares de portugueses de todas as idades e condições e, não raras vezes, assistimos ao laborioso trabalho de visitantes que se davam ao incómodo de copiar, de pé, o que liam.

Algo se terá passado para se obter este efeito. A leitura das páginas que se seguem talvez ajude o leitor a compreender melhor a razão do sucesso. Rainer Daehnhardt, um estrangeiro só pelo passaporte, pois defende e exalta Portugal como poucos Portugueses, conhece bem a nossa História e sabe dela colher os devidos ensinamentos. As suas análises baseiam-se em documentação credível, muitas vezes inédita e se se pode discordar das suas interpretações, por vezes ousadas, já não será lícito acusá-lo de falta de rigor histórico.

Espero que o leitor desta nova obra de Rainer Daehnhardt encontre nestas páginas a mesma motivação que tanto prendeu o visitante da exposição.

Capitão-de-Mar-e-Guerra
José Fernandes Martins e Silva
Director do Museu de Marinha
Lisboa, 6 de Abril de 1998

Ó ALMA PORTUGUESA

Roma 29. IV. 98.

Magalhães de Azeredo,
da Academia Brazileira

Ó Alma Portuguesa, agora exulta;
E, num protesto ousado,
Repele a ignara gente, que te insulta,
Clamando: Povo exausto e infortunado,
Que existe apenas pelo seu Passado!...
Dizê-lo deixarás, sem que o desmintas?
Queres tu, em sarcófago de gelo,
Dormir, sonhando com acções extintas?
Não; tu hás-de viver; e, ardendo em zelo,
Lutar com o mau Destino até vencê-lo!
Que te falta? Valor? Não. Esperança!
Em ti própria não crês; vagas aflita,
Na indecisão estranha que te agita,
E em pensamentos lúgubres te lança...
Mas também a esperança ressuscita!
Não muda a raça, embora o tempo mude.
Em ti, alma serena,
O génio não morreu, nem a virtude.
E inda nas mãos da lusa juventude,
Podem caber charrua, espada e pena...
Alma complexa, que o ímpeto guerreiro
Conduziu muito além da Taprobana;
E que exprimir soubeste, na profana
Graça dos fados e do romanceiro,
À tua lírica emoção humana;
Alma suave e pia,
Alma candente e heroica,
Leal no intento, simples na energia,
No sofrimento resignada e estoica,
Doce no amor, e na melancolia;
Eia, arranca de ti o manto escuro
Dessa austera, apagada e vil tristeza;
Seja-te ainda o Gama palinuro;
Há, quem sabe? outras Índias no futuro,
Ó Alma Portuguesa!

Na página anterior:

Do manuscrito comemorativo do IV Centenário da chegada de Vasco da Gama à Índia, oferecido pelo Papa ao Rei D. Carlos. Página dedicada por um membro da Academia Brasileira de Roma. Sabendo que em 1898 o Brasil já era um Estado independente; sabendo que nessa altura já o próprio império do Brasil se tinha transformado em república, tornou-se este texto do académico brasileiro dedicado ao monarca português numa corajosa demonstração de um grito de revolta por um mundo que nos cerceia a nossa identidade histórica e, também, numa afirmação eterna da identificação da alma portuguesa.

INTRODUÇÃO

Todos os povos forjam a sua própria identidade através de milhões de acções, criadas por vontades individuais que, conscientes disso ou não, agiram em conformidade. É no assumir do paralelismo destas mesmas formas de pensar e actuar que nasce, mas também morre, a nacionalidade.

Quem arruma as suas preocupações na gaveta do "Se Deus quiser não há-de ser nada", convencido de que uma existência multissecular não se consegue apagar rapidamente, está muito enganado. Basta olharmos para os mapas históricos para encontrarmos centenas de países que já não existem. Onde estão os reinos da Arménia, da Prussia, do Pegú ou do Arracão? Surgiram, viveram e desapareceram no meio de tantos outros e hoje não passam de meras referências em mapas antigos.

Como prognosticou Eça de Queiroz já no século passado, numa das suas cartas de Paris: "Qualquer dia Portugal já não é um país mas um local! Ainda por cima mal frequentado!"

Para qualquer observador minimamente interessado no futuro de Portugal, já se tornou hoje mais do que óbvio de que a IDENTIDADE PORTUGUESA está em risco de desaparecer.

Quem se opuser a esta identificação, pensando que ela possa de alguma forma virar-se contra outros povos coabitantes da nossa península ou outros para lá dos Pirinéus, nunca compreendeu o que significa sentir-se *português*. Por assumir uma identidade não significa que se esteja contra seja quem for.

Denegrir sistematicamente tudo o que é nosso, autoconsiderar-se europeu de segunda, por vezes até terceiromundista, não encontrar nada de positivo na identidade própria, preferindo o servilismo em relação ao que vem de fora, é trair. Não é só trair-se a si mesmo, a sua família e o seu país mas todas as gerações dos antepassados e a sua inabalável fé na identidade.

Tudo o que somos e o que temos é o que os nossos antepassados nos souberam transferir, o que soubemos preservar e eventualmente acrescentar!

A evolução de um povo é como uma longa corrente onde cada geração é um

elo que se agarra ao elo anterior, e que por sua vez tem a obrigação de servir de suporte à futura geração. Ora, todos os que aprendem física sabem que a força máxima de uma corrente é igual à do seu elo mais fraco. O elo mais fraco na História de Portugal somos nós, a geração actual. Não foi o período de 1383, o de 1580 ou o de 1807, mas sim a época actual. Nunca Portugal viu tal sistemática anulação da sua identidade como no presente.

Para se saber quem se é, tem de se saber de quem se descende. Para isso é necessário saber-se de história. Ainda há poucos anos o ensino da História fazia parte da evolução de cada um. O primeiro passo para enfraquecer o nosso elo com os nossos antepassados foi a decisão de tornar o ensino da História facultativo. Centenas de milhares de alunos imediatamente desistiram desta temática, não se apercebendo de que estavam a perder o acesso ao conhecimento da sua própria identidade.

Como, apesar disso, ainda houve muitos estudantes que se inscreveram nos cursos de História, não se deu nenhuma ajuda no sentido de lhes conseguir alguma *chance* de colocação no mercado de trabalho. É mais do que sabido entre os estudantes universitários que o canudo de História só serve para pendurar na parede, pois poucos conseguem uma colocação com base exclusivamente nesses estudos.

Em seguida trocou-se o ensino da HISTÓRIA DE PORTUGAL pelo ensino da HISTÓRIA DA EUROPA, cabendo a cada professor a decisão do maior ou menor peso que resolvia dar à nossa História. Como se tudo isto não fosse suficiente, englobou-se recentemente o ensino dos DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES no título genérico do ensino da EXPANSÃO IBÉRICA.

Mesmo para aqueles que só tenham ligeiros conhecimentos acerca da grande diferença das formas de expansão do século XVI, tem que se considerar esta decisão como um insulto aos antepassados, à verdade histórica e à nossa inteligência.

Todas as expansões de todos os povos em todas as épocas têm páginas negras e assim também a Expansão Portugesa. Mas mesmo que somemos todas as páginas negras da História de Portugal, nunca nos aproximaremos de nada que seja comparável com o que aconteceu aos Aztecas no México, aos Incas no Perú ou aos Guanches nas Canárias.

A fase inicial da Expansão Portuguesa foi organizada pela Ordem de Cristo, uma organização religiosa militar, descendente da secção lusitana da Ordem Templária e, por isso, baseada no cristianismo pregado pelos apóstolos de Jesus, fraterno e universal. Como é que se pode pegar em nomes de homens iniciados, escolhidos a dedo, não só por causa das suas capacidades marítimas e militares

...em Templária, já introduzida em terras lusas pela mãe de ... onso Henriques, teve como mentor o cisterciense S. Ber- ... erdadeiro Pai da Europa, que nasceu como resultado do ... pensamento político. A nível global, foi sua intenção unir o ... o cristão para afastar o perigo causado pelo fundamenta- ... islâmico.

A Ordem de Cristo. D. Dinis cumpriu as ordens do papa de Avinhão, dissolvendo a secção lusitana da Ordem Templária. Porém, salvou-os do cárcere e da tortura, absolvendo-os em julgamento e metendo-os todos na nova ordem religiosa-militar exclusivamente portuguesa, denominada Ordem de Cristo, mãe de toda a expansão lusa.

mas, sobretudo, pela sua fidelidade à causa lusa e por serem considerados de conduta ética e moral superior e metê-los agora, por mera conveniência política momentânea, à mistura no mesmo caldeirão com um guardador de porcos, como foi Francisco Pizarro? Este havia morto um homem numa taberna, em disputa por uma mulher de má porte e, tendo de fugir à justiça, resolveu alistar-se numa armada onde, utilizando a sua espada e matando diversos dos seus superiores hierárquicos, acabou por assumir a chefia de um exército que empregou na simples imposição do saque geral.

Esta injustiça para com a verdade do passado acaba por impôr a mais cruel das sentenças: o esquecimento dos heróis pela nação por eles criada!

Terminou o ano de 1997. O ano do Quinto Centenário da partida da esquadra que levou Vasco da Gama à Índia. A Sociedade de Geografia de Lisboa, a Academia de Marinha, o Museu de Marinha e o Grupo dos Amigos do Museu de Marinha levaram a efeito colóquios e exposições sem os quais a data teria passado completamente despercebida.

Que diferença em relação às Comemorações do Quarto Centenário, levadas a cabo em todas as terras lusas no fim do século passado! Não foi só a bela emissão dos selos comemorativos que nos ficou daquela época. Ficaram obras de arte da ourivesaria e prataria, em tais quantidades que só demonstram que os respectivos artífices concorreram uns com os outros na apresentação das mais belas e espampanantes obras.

Os artistas plásticos, os poetas e dramaturgos, embebidos na vontade mútua de demonstrar o seu regozijo pelo grande feito do século XV, deixaram-nos centenas, possivelmente até milhares de obras. E hoje? Que é deles?

O Vaticano ofereceu ao Rei de Portugal um livro manuscrito, exemplar único, comemorativo do grande feito de Vasco da Gama. Nele, não só o próprio Papa e muitos dos seus cardeais, mas também os principais historiadores e artistas da época preencheram as páginas com as suas pinturas, os seus desenhos, suas líricas e mensagens que muito nos honram. Qual foi o destino desta obra? Emigrou para o estrangeiro, acabando por ser vendida em leilão!

Atrevemo-nos a perguntar: terá também Portugal emigrado para o estrangeiro? Terá também Portugal sido vendido em leilão?

Quem souber a resposta que o diga e assuma!

Facto é que entre as grandes viagens do homem, em toda a evolução da humanidade, é a de Vasco da Gama que ocupa um lugar de grande destaque. Olhando para as consequências directas na sua época, até foi bem mais importante do que a de Cristóvão Colombo. E como esta foi homenageada, ainda há tão poucos anos!

O Monumento da Descoberta

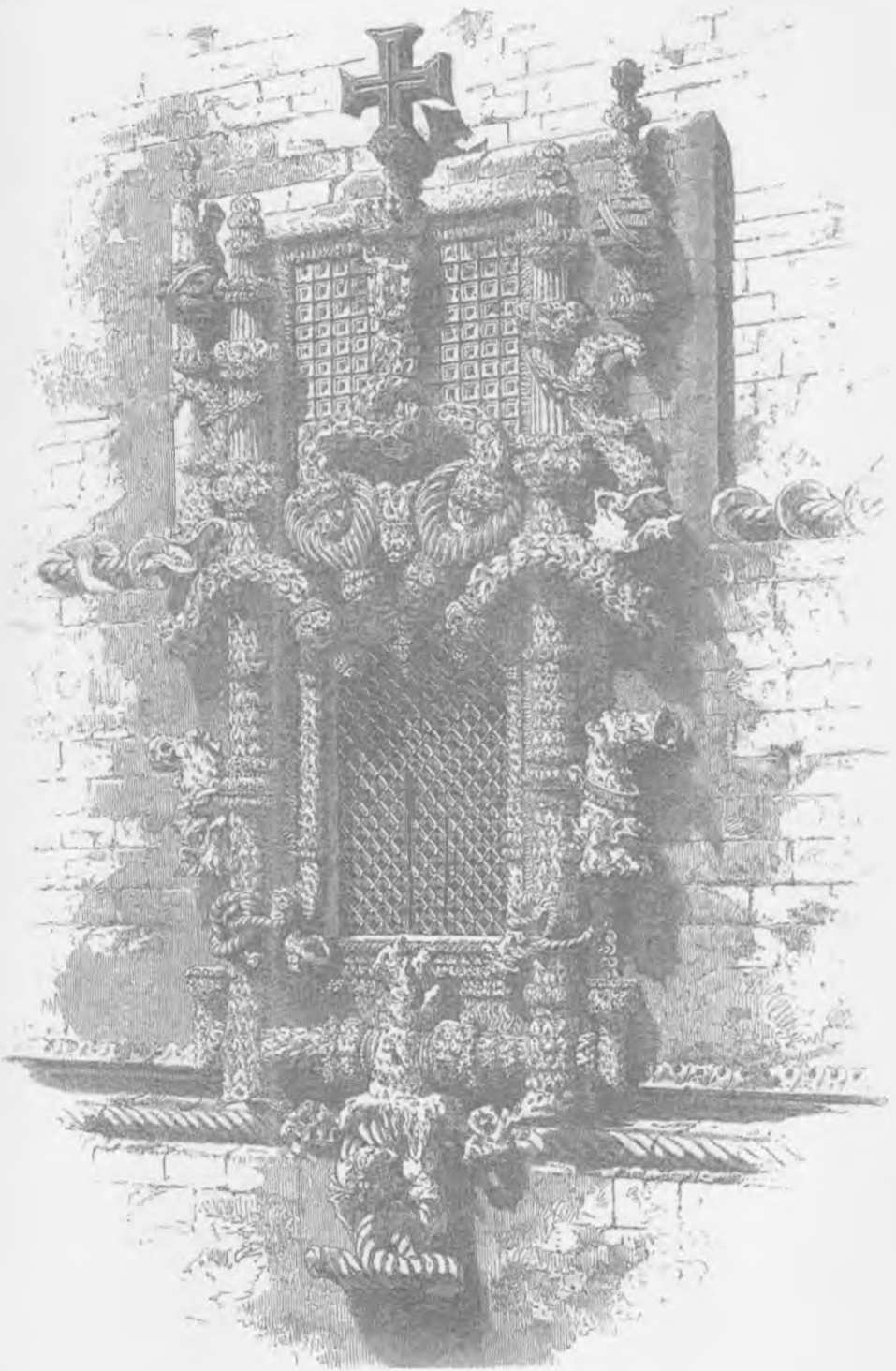
Gratas e por egual indeleveis são as recor=
dações da minha residencia em Lisboa.
Volvidos já septe annos, vive ainda, viverá
sempre em meu coração a lembrança da excellente
indole do povo portuguez, do sympathico acolhimento
que recebi n'aquelle bello paiz durante os largos
annos da minha Nunciatura, das cordeaes relações
que mantive com a Real Familia, com o Episcopado
e com o Governo, e da feliz solução que, á sombra
d'estas favoraveis circumstancias, tiveram varias
e momentosas questões de interesse religioso.

Entre tantas queridas
memorias, tenho profunda=
mente gravada, como
uma das mais pre=
ciosas, a do Templo
de Santa Maria de
Belem. Quando a pre=
meira vez o visitei não
pude furtar-me a um indefinivel
arroubamento perante aquelle prodigio
da Architectura christã –

Do manuscrito comemorativo do IV Centenário da chegada de Vasco da Gama à Índia, oferecido pelo Papa ao Rei D. Carlos. Início do texto manuscrito pelo Cardeal Vicente Vannutelli aos 20 de Maio de 1898, data exacta do centenário da chegada a Calecut.

Com Vasco da Gama fizeram-se 170 homens ao mar. Sabiam a grande tarefa que os esperava e as incertezas da sua concretização. 116 destes homens não voltaram!

Foi pesado o preço em vidas que esta viagem custou!

É terrível a sentença do esquecimento premeditado que a actual geração lhes aplicou!

A janela da Casa do Capítulo do Convento de Cristo em Tomar, onde a ideia da viagem nasceu.

A VIAGEM DE

VASCO DA GAMA

Uma caravela no mar alto. O pouco que sabemos acerca dos homens que as construíram e nelas navegaram é o suficiente para nos impor profundo respeito pelas suas acções, nascidas da sua inabalável fé em Deus e na terra que os viu nascer.

A VIAGEM DE VASCO DA GAMA (*)

A História não é uma ciência exacta, qual matemática ou química, mas sim uma tentativa de compreensão de acontecimentos há muito ocorridos. Como destes só nos chegam, habitualmente, poucos dados, para mais dificilmente investigáveis, tomou-se o hábito de repetir o que gerações antes da nossa já diziam.

Conscientes destas limitações, urge que haja vontade para investigar, começando por colocar dúvidas sobre as "verdades intocáveis" que sempre nos foram ensinadas, confrontando-as com fontes normalmente não estudadas. Facilmente nos apercebemos de dois factores perigosos e constantes:

1) A História é, com muita frequência, escrita pelo vencedor e na versão para ele mais conveniente;

2) Tanto o poder dos Estados como o das Igrejas usurparam pseudo-direitos de censura, exigindo, assim, que o passado seja interpretado conforme a sua vontade.

São pois estes dois factores, a que a História se encontra normalmente sujeita, que a distanciam das outras ciências!

É óbvio que o presente se explica, normalmente, pela interpretação do passado. Se os factos presentes são já, muitas vezes, interpretados tendenciosamente, pouco nos admira que a interpretação do passado seja um verdadeiro "campo de batalha" entre a verdade dos factos e a conveniência ou inconveniência da sua revelação, o que, não raras vezes, leva à "reinterpretação" quando não mesmo à sua omissão pura e simples. Este distanciamento entre a realidade histórica e o que dela se conta é, por vezes, flagrante, chamando-nos à reflexão.

(*) Conforme a sua apresentação na Exposição à mesma dedicada que se realizou na CORDOARIA NACIONAL em Lisboa, desde 17 de Outubro de 1997 a 22 de Fevereiro de 1998. Organizada pelo Museu de Marinha com o apoio do GAMMA (Grupo de Amigos do Museu de Marinha) e da SPAA (Sociedade Portuguesa de Armas Antigas – Portuguese Academy of Antique Arms), tornou-se na maior e mais didáctica homenagem do V Centenário da partida de Vasco da Gama para a Índia.

A VIAGEM DE VASCO DA GAMA mudou de tal forma a história mundial que não pode ser comparada com nenhuma outra, pois não houve outra viagem com tamanhas consequências. Por isso mesmo ela deve ser estudada pelos únicos ângulos reais e possíveis. Estes são, em primeiro lugar, os documentos sobreviventes a ela ligados e, em segundo lugar, mas não de menor importância, a conjuntura geral de que ela se tornou o expoente máximo.

As grandes viagens de descobrimento portuguesas não se fizeram por aventureirismo de alguém que se sentia com vontade e capacidade para levar a cabo uma tarefa de gigante. A escolha fazia-se por decisão do Rei, com base nas informações e propostas dos seus conselheiros, dos quais se destacavam os Cavaleiros da Ordem de Cristo. Já aqui reside uma das grandes diferenças entre a Expansão Portuguesa e a de outras nações europeias da mesma época.

A maioria dos navegadores estrangeiros mais reputados dessa época não teriam sido aceites, por razões éticas e morais, para o serviço do Rei de Portugal.

Surge então a justificada pergunta: PORQUÊ VASCO DA GAMA?

Tratava-se de um membro de uma família que, desde longa data, tinha dado provas de fidelidade ao Rei, amor à Pátria, capacidade e dedicação para levar a bom termo as tarefas assumidas. Um antepassado seu havia já pelejado com D. Afonso III pela conquista do Algarve aos mouros. Um outro esteve ao lado de D. Dinis na batalha do Salado. Os Gamas foram Alcaides-mor de Sines e Gentil-homens da câmara de D. Afonso V, de D. João II e do Infante D. Fernando.

Estevão da Gama, pai de Vasco da Gama, foi vedor da Casa do Príncipe D. Afonso (filho de D. João II). Vasco da Gama nasceu em Sines do casamento de D. Estevão da Gama e D. Isabel Sodré. Diz a tradição que Vasco da Gama, sempre que passava pelo porto de Sines, saudava a terra que lhe fora berço, descarregando as bombardas da sua nau. Revelou desde muito novo aptidões excepcionais, a que se juntava uma grande força de vontade.

Habituámo-nos a ver Vasco da Gama geralmente representado como um navegador muito idoso. Facto é, porém, que contava apenas 28 anos de idade quando D. Manuel I, confiando na sua competência, o escolheu para a grandiosa empresa de finalizar o descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia, contornando o continente africano.

Estava Vasco da Gama em Estremoz quando o monarca o mandou chamar e o nomeou *"capitão-mór da armada de quatro velas grossas"*, que mandara aprestar com o objectivo de concretizar o seu intento. Vasco da Gama escolheu para a expedição homens da sua confiança; reservou para si o comando da nau S. Gabriel, tendo por piloto Pêro de Alenquer e por escrivão Diogo Dias, irmão de Bartolomeu Dias. A nau S. Rafael era comandada por seu irmão Paulo da Gama, levando como

D. Manuel I, já Grão-Mestre da Ordem de Cristo e seu mais dinâmico organizador, herdou a Coroa de Portugal, tornando-se num dos mais poderosos monarcas que este mundo viu.

piloto João Coimbra e como escrivão João de Sá. O comando da caravela Bérrio (assim chamada por ter sido comprada a um piloto de Lagos com esse nome) foi confiado a Nicolau Coelho, tendo Pedro Escobar como piloto e Álvaro de Braga como escrivão. Como transporte das reservas de mantimentos foi usado o navio S. Miguel, cujo comando foi entregue a um homem da casa dos Gama, de nome Gonçalo Nunes.

Como homem prudente, ordenou Vasco da Gama, aos que deviam acompanhá-lo, que enquanto estivessem desembarcados aprendessem, tanto quanto possível, carpintaria, serralharia e outros ofícios, que pudessem vir a ser úteis no mar, tendo encontrado, para esta atitude, a mais decidida aprovação por parte do próprio Rei.

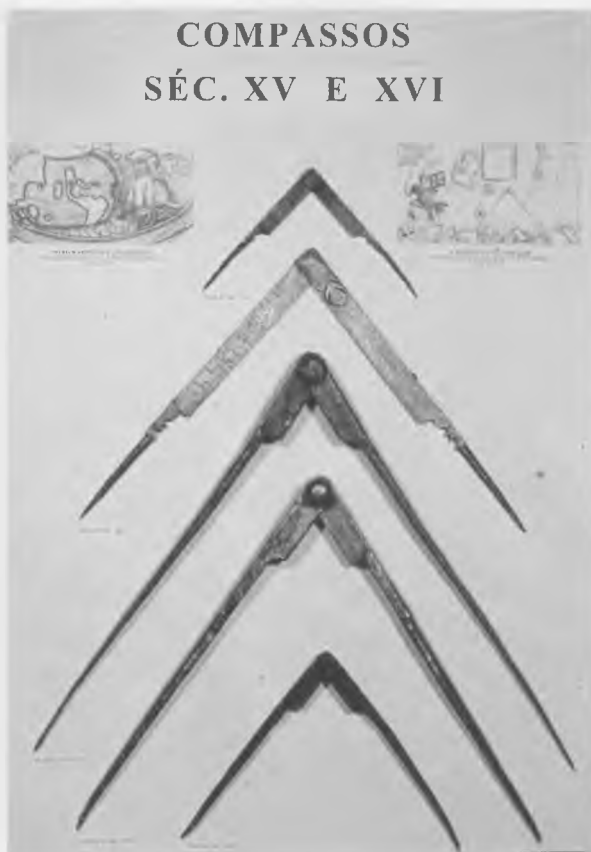
D. Manuel elevou para sete cruzados o soldo dos marinheiros, o que era uma soma apreciável para aquele tempo. Mandou ainda que fossem dados a Vasco da Gama 2.000 cruzados de ajudas de custo e outros 2.000 a seu irmão.

No dia 7 de Julho de 1497, estando completos todos os preparativos, Vasco da Gama, seu irmão e Nicolau Coelho foram piedosamente velar, em oração e penitência, na capela de Nossa Senhora do Restelo.

No dia 8 veio el-Rei com padres que celebraram missa e, em seguida, os navegadores, acompanhados por el-Rei, dirigiram-se processionalmente para o cais de Belém, do qual já tantos outros navegadores haviam partido (este cais, enterrado no séc. XIX, foi redescoberto durante as obras do Centro Cultural de Belém e infelizmente destruído), seguidos pelos olhares e as lágrimas de imensa multidão.

A pequena frota levantou ferro e saiu da barra. Nas "Lendas da Índia" de Gaspar Correia, vêm mencionados os objectos e alfaias que iam a bordo: além de armas, jóias e gomis, panos de ouro e seda, iam os navios carregados com "*...muitas conservas, águas minerais, e em cada nao todalas cousas de botica pera doentes, e mestre, e clerigo para confessar*". Vasco da Gama ia munido de quantas instruções o conhecimento científico da época lhe podia providenciar, como seria de esperar numa expedição, já há muito intentada por D. João II e meditada por homens como Bartolomeu Dias e Pêro da Covilhã. No dia 15 do mês de Julho chegou a pequena armada à altura das Ilhas Canárias, onde se demorou algum tempo com pesca para víveres, seguindo depois até à altura do Rio do Ouro, onde sobreveio um nevoeiro que separou os navios, que só se tornaram a reunir no dia 26 na Ilha do Sal, em Cabo Verde. No dia 27 avistaram a Ilha de S. Tiago, onde se abasteceram de água e lenha.

Arcanjo S. Miguel, escultura do reinado de D. Afonso V. O culto deste padroeiro da lusa gente nasceu da ancestral veneração a Endovélico, uma das principais divindades lusitanas. S. Miguel, aqui representado como guerreiro peregrino, manteve-se como protector da Expansão Portuguesa.

Capacete bizantino. Foi a queda de Bizâncio, em 1453, que deu origem ao pedido papal no sentido de todos os reis da cristandade assumirem uma cruzada geral contra o Islão. A viagem de Vasco da Gama foi, também, consequência deste compromisso.

Compassos do séc. XV-XVI usados por navegadores portugueses. As mãos que deles se serviram exprimiam vontades de homens que se identificavam plenamente com Portugal e sua missão.

Espada e adaga utilizadas pelos navegadores lusos. As ferramentas com as quais se escreveram as principais páginas da evolução da humanidade que couberam à lusa gente.

Armadura quatrocentista portuguesa.

Peitoral quatrocentista português ostentando a Cruz de Cristo. O coração que bateu por detrás desta chapa forjada à bigorna, ainda sabia o que é bem e o que é mal e agia de acordo com isso.

Escudo quatrocentista português. Ligeiro, de tiras de cabedal sobrepostas e por nós copiado dos hispano-mouriscos, só servia contra flechas e para diminuir a força do golpe da cimitarra mourisca. No Ultramar, rapidamente o substituímos pelo escudo de ferro, muito mais pesado. Na luta corpo-a-corpo, até deste abdicámos, utizando a adaga de mão esquerda em seu lugar.

Morrião de um capitão português. Nascido na bigorna, de diversas par[illegible] cravadas entre si, ostenta bem visível, em ferro cinzelado, o símbolo da C[illegible] de Cristo, sobreposto pela Esfera Armilar. Assim, até o guerreiro mostra[illegible] que a missão portuguesa era levar o Cristianismo a todo o globo terrestre

MAS QUAL FOI A ROTA APÓS A PARTIDA DE CABO VERDE?

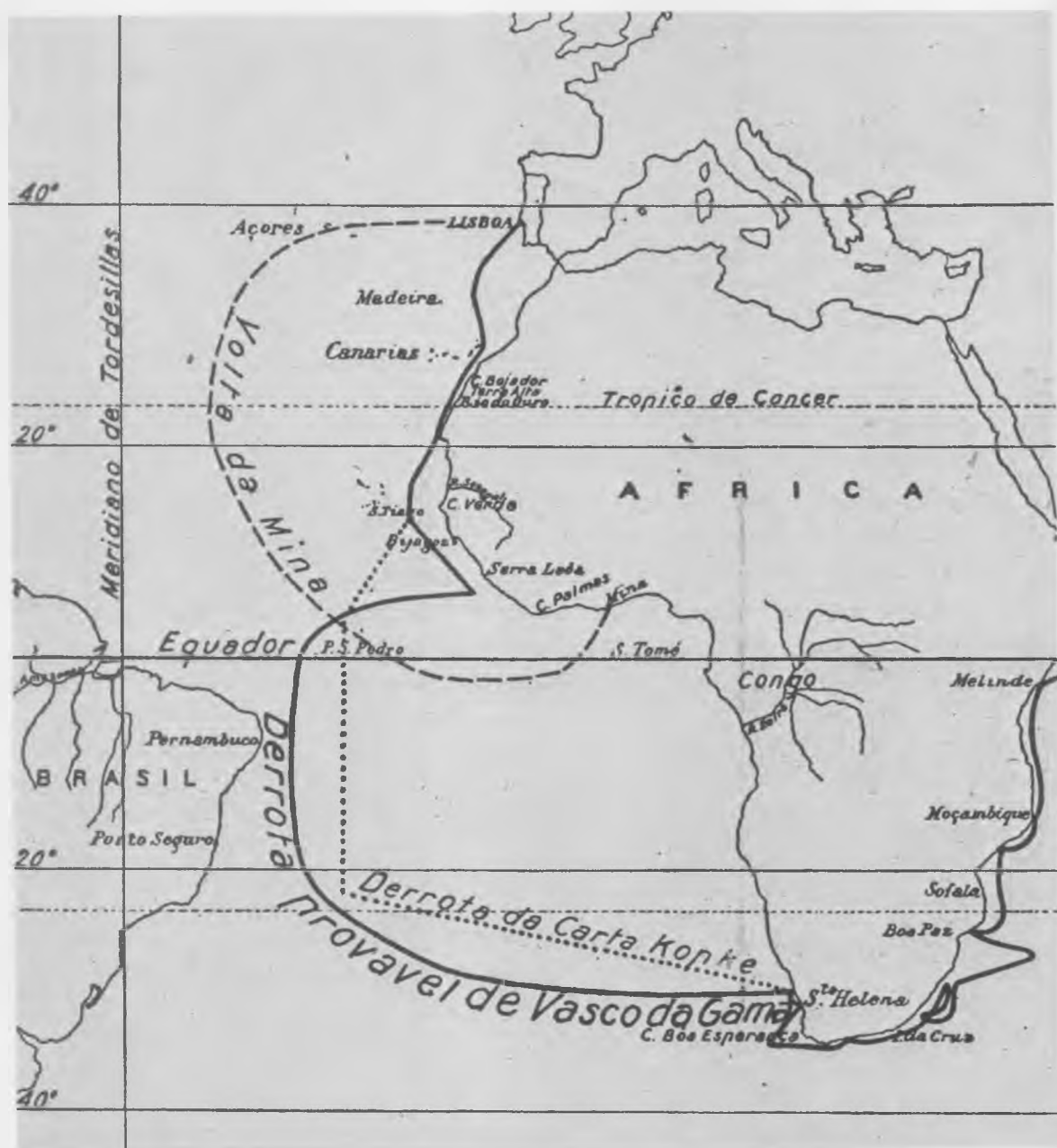
O simples facto de existirem diversas versões oficiais revela o elevado grau de desentendimento entre os especialistas nesta matéria. O que, por sua vez, se deve, essencialmente, à escassez de dados concretos. Vasco da Gama não nos deixou nenhum diário de bordo, não sobreviveu nenhum portulano da viagem e, tudo o que temos para provar a existência desta viagem são as cartas escritas por D. Manuel I aos Reis Católicos e ao representante português na Corte Papal. Para além destas cartas temos somente, ou melhor dizendo, felizmente, os apontamentos deixados por um membro das suas tripulações, cuja autoria é atribuída a Álvaro Velho. Não se trata de um diário de bordo, mas simplesmente de uma lista de acontecimentos de que o autor considerou interessante tomar apontamentos. Ela é, por si só, muito incompleta embora nos ofereça dados preciosos. Temos assim de admitir que tudo o que sabemos é muito pouco e este muito pouco sofreu, por sua vez, variadíssimas interpretações.

Surge, por exemplo, a velha questão da rota seguida. Terá Vasco da Gama visto o Brasil ou mesmo tocado nele, ou não? Não podemos responder, com segurança, nem sim nem não. Pura e simplesmente não o sabemos! O facto de os historiadores, genericamente falando, atribuírem o descobrimento do Continente Sul-Americano a Pedro Álvares Cabral, na data de 1500, não é por si só prova nenhuma de que os portugueses não tenham já lá estado muito antes.

O Almirante, navegador, geógrafo e historiador Gago Coutinho, possuidor de uma rara conjugação de conhecimentos, conheceu bem os ventos e as correntes do Atlântico-Sul e estudou todos os dados disponíveis sobre a viagem de Vasco da Gama. O Almirante não afirma que Vasco da Gama tenha tocado o Brasil, mas coloca a sua rota de tal maneira próxima da costa brasileira que esta possibilidade se tornou uma hipótese muito viável. Não existindo provas em favor de nenhuma das versões, não devemos declarar peremptoriamente que não nem que sim. Trata-se de uma das grandes questões que, por enquanto, se mantêm ainda sem resposta até que surja alguma prova concreta.

Um aspecto interessante nesta questão é a completa ausência de dados, durante três meses, no roteiro da viagem de Vasco da Gama, precisamente entre a partida de Cabo Verde, a 3 de Agosto de 1497, e a chegada à costa africana, perto do Cabo da Boa Esperança, a 4 de Novembro de 1497.

Estes três meses de viagem constituem um grande enigma, nunca devidamente discutido!

Com excepção da menção de uma baleia e de algumas aves, nada nos é revelado. Terão sido arrancados do relato por razões de segredo de Estado? Não o

Rota da primeira viagem de Vasco da Gama, baseada no estudo do Almirante Gago Coutinho.

Rota da primeira viagem de Vasco da Gama apresentada nas Comemorações de 1898.

sabemos! É, porém, interessante notar que não é feita qualquer menção às dificuldades resultantes da falta de água doce que, de resto, durante todo o relato, é um problema constante, não sendo possível navegar mais do que duas semanas sem ter que reabastecer-se de água potável. Aqui decorrem doze semanas sem que nenhuma dificuldade seja mencionada.

Quando, na viagem de volta, na travessia do Índico, se passa um longo período sem abastecimento de água potável, morre cerca de metade da tripulação e muitos dos que chegam vivos à costa africana acabam por ali ser enterrados por os seus corpos não terem aguentado. A desidratação (por falta de água doce) e o escorbuto (por falta de alimentos frescos) tornaram-se a principal causa de morte da maioria dos portugueses que não voltaram desta viagem. O relato desta travessia do Índico, que também levou três meses, distancia-se fortemente do da travessia do Atlântico Sul.

Não existe nenhuma prova de que Vasco da Gama se tenha reabastecido na costa sul-americana ou em alguma ilha adjacente. Existe, no entanto, a hipótese de o ter feito e, por razões de segredo de Estado, tal facto não poder ser mencionado. Do mesmo modo, também não existe nenhuma certeza de não o ter feito. Devemos, humildemente, reconhecer a nossa falta de conhecimentos nesta matéria e deixar esta pergunta em aberto até alguma futura geração descobrir dados concretos para melhor esclarecer esta questão assaz pertinente.

4 de Novembro de 1497

Chegada a uma baía no Sul de África, à qual se deu o nome de Baía de Santa Helena, perto de um rio que se denominou de Santiago (hoje Berg River).

No contacto com os indígenas, nesta parte sul de África, mostrou-se-lhes CANELA E CRAVO mas aqueles não os conheciam. Tratou-se, porém, da primeira demonstração da BUSCA DE ESPECIARIAS no roteiro da viagem.

19 de Novembro de 1497

Passagem pelo Cabo da Boa Esperança.

25 de Novembro de 1497

Chegada a Angra de São Brás (hoje Mossel Bay). Nesta desfez-se a nau dos mantimentos, tendo os tripulantes desta sido recolhidos nos outros navios.

7 de Dezembro de 1497

Partida de Angra de São Brás, onde foram vistos indígenas a derrubar a Cruz e o Padrão aí colocados por ordem de Vasco da Gama.

As Canárias, primeira paragem de reabastecimento na viagem de Vasco da Gama

Vasco da Gama, D. Manuel I e o Arquipélago de Cabo Verde, segunda paragem de reabastecimento.

…tlântico Sul, o primeiro grande enigma desta …gem. Não sabemos ao certo a rota. Não sabe…s se ou onde recebeu reabastecimento. O se…edo da Coroa desceu como um véu sobre tudo … que a este enigma esteja ligado. Na nossa …sca acerca do Reino do Preste João e tendo o …nhecimento de que povos africanos ociden…s lhe eram tributáveis, demos o nome de …OCEANUS AETHIOPICUS" a este grande mar.

O retorno pelo Índico, devido à ausência de água potável, na viagem da ilha de Angediva até Melinde, causou a maior parte das mortes desta expedição. A sede e o escorbuto ceifaram a vida a tantos que numa nau já só havia sete homens em pé e na outra oito. Chegando a Melinde, deu-se de beber e comer aos então ainda sobreviventes, de que poucos resistiram. Dos 170 homens que acompanharam Vasco da Gama na viagem, 116 não voltaram e na sua grande maioria encontram-se enterrados em Melinde.

Passagem pelo Cabo da Boa Esperança. Martin Waldseemüller, o cartógrafo alemão, mostra o monarca português no Canal de Madagascar, montando um peixe, levando o ceptro real numa mão, a bandeira das quinas com a cruz cristã na outra e assumindo-se, desde Neptuno, como primeiro Rei dos Mares.

15 de Dezembro de 1497

Após grande temporal, chegada aos Ilhéus Chãos (hoje Bird Islands).

16 de Dezembro de 1497

Passagem pelo Rio do Infante (hoje Great Fish River).

28 de Dezembro de 1497

Perda de uma âncora e fortes dificuldades de navegação acrescidas da falta de água potável.

12 de Janeiro de 1498

Chegada à "Terra da Boa Gente" e ao Rio do Cobre (hoje Inharrime River) onde já haviam sido vistos navios como os nossos.

24 de Janeiro de 1498

Chegada ao "Rio dos Bons Sinais" (hoje Rio de Quelimane). Tomou-se mais água e limparam-se os navios.

24 de Janeiro de 1498

Partida do "Rio dos Bons Sinais".

2 de Março de 1498

Chegada à Ilha de Moçambique. Ali encontrou-se CRAVO, PIMENTA E GENGIBRE em navios de mercadores muçulmanos. Falam de CRISTÃOS (possivelmente coptas) e do PRESTE JOÃO da Abissínia. Também se fala de DOIS CRISTÃOS CATIVOS DA ÍNDIA (primeira menção a CRISTÃOS SÃO-TOMENSES). Estas menções no roteiro são prova evidente dos objectivos da expedição, pois que até o marinheiro, autor dos apontamentos, achou por bem mencionar a BUSCA DE CRISTÃOS E ESPECIARIAS e seus resultados no decorrer da viagem.

10 de Março de 1498

Chegada à Ilha de São Jorge. Os muçulmanos de Moçambique descobrem que a armada é de cristãos e resolvem tomá-la e matar os cristãos, porém os seus planos foram descobertos.

29 de Março de 1498

Depois de muitas lutas e traições saíram destas ilhas.

Entrada no Índico, numa gravura quinhentista.

Chegada à Ilha de Moçambique.

Um portulano português mostrando o Índico e diversas das praças portuguesas.

Portulano de Luís Teixeira Alvernaz oferecendo mais de 500 nomes portugueses de portos no Índico.

1 de Abril de 1498

Chegada às Ilhas de Querimba.

4 de Abril de 1498

Chegada a Quiloa.

7 de Abril de 1498

Chegada a Mombaça. Dizia-se que metade da população era cristã. Encontraram-se, porém, DOIS MERCADORES CRISTÃOS (possivelmente coptas), que mostraram uma carta, que veneravam, com o desenho do Espírito Santo. Encontrou-se também muito CRAVO, PIMENTA E GENGIBRE.

15 de Abril de 1498

Chegada a Melinde. Aqui, também se encontrou muito CRAVO, PIMENTA, GENGIBRE E NOZ MOSCADA. No porto estavam QUATRO NAVIOS DE CRISTÃOS, QUE ERAM ÍNDIOS (CRISTÃOS SÃO-TOMENSES). Quando chegaram ao navio de Paulo da Gama, onde o Capitão-Mor se encontrava, ali lhe mostraram UM RETÁBULO, REPRESENTANDO NOSSA SENHORA COM JESUS CRISTO NOS BRAÇOS, AO PÉ DA CRUZ, E OS APÓSTOLOS.

"Naquele dia foi o Capitão-Mor andar nos batéis, por junto da vila, ATIRARAM DAS NAUS DOS CRISTÃOS ÍNDIOS MUITAS BOMBARDAS E LEVANTAVAM AS MÃOS QUANDO OS VIAM PASSAR, DIZENDO TODOS COM MUITA ALEGRIA: 'CHRISTE! CHRISTE!' E neste dia pediram eles licença ao Rei de Melinde para lhes deixar fazer festa aos portugueses. E como veio a noite, fizeram muita festa, e atiraram muitas bombardas, e lançavam foguetes e davam grandes gritos."

O documento diz ainda que o Rei de Melinde deu a Vasco da Gama UM PILOTO CRISTÃO. Outros cronistas porém, identificam-no com o célebre piloto árabe Ibn Madjid.

24 de Abril de 1498

Partida de Melinde e de África.

18 de Maio de 1498

Chegada à Índia de que se sabia ter cidades mouras e CIDADES CRISTÃS, bem como ESPECIARIAS em abundância.

20 de Maio de 1498

Chegada a Kappa e a Pandarane.

Mombaça. Contactos com cristãos e especiarias.

A chegada à Índia, representada por Martin Walssemüller.

Matra, divindade hindu tomada pelos nossos navegadores como representação local de Nossa Senhora com o Menino Jesus. Exemplar do século IX.

21 de Maio de 1498

Desembarcou o primeiro português, um degredado de nome João Nunes, que foi a Calecut, onde encontrou dois mouros de Tunes (um deles chamado Monçaide, que ficou nosso amigo). Sabiam falar castelhano e genovês. As primeiras palavras que dirigiram ao português foram: "QUE DIABO TE DEU! O QUE TE TROUXE PARA CÁ?". Ao que o português respondeu: "VIMOS EM BUSCA DE CRISTÃOS E ESPECIARIAS!".

Estas curtas palavras, nestas circunstâncias, são a explicação mais precisa e mais sintética das razões da Expansão Portuguesa, bem demonstrativas do grande distanciamento relativamente ao motivo das expansões dos outros povos.

27 de Maio de 1498

Entrada no porto de Calecut. A partir deste ponto surge, nitidamente, uma interpretação errada de quem é cristão ou não. O autor do roteiro, ou não soube distinguir os Cristãos de São Tomé dos Hindus, ou terá recebido ordens para não os distinguir. Cristóvão Colombo já tinha dado ordem para todos os membros da sua tripulação jurarem, sobre os Santos Evangelhos, que as ilhas que tinham acabado de encontrar, eram adjacentes à Índia e que os habitantes seriam, por isso, Indianos. Não possuímos quaisquer dados que nos provem que tenha havido uma ordem dada, neste sentido, por Vasco da Gama e é possível que o autor deste manuscrito os tenha, de facto, confundido. Um dado a favor da tese de que o erro na distinção se ficou a dever a Álvaro Velho, a quem a autoria do roteiro é atribuída e não a Vasco da Gama, vem do facto de, nas cartas de D. Manuel I (a primeira aos Reis Católicos e a segunda ao representante de Portugal em Roma), ser revelada uma substancial diferença na interpretação do Cristianismo Indiano. Facto é que já havia milhões de cristãos na Índia quando os portugueses lá chegaram e que, mais tarde, uma delegação dos CRISTÃOS DE S. TOMÉ DO MALABAR ofereceu um ceptro de um dos seus antigos Reis Cristãos Indianos, para que Vasco da Gama o entregasse ao Rei de Portugal. Tratou-se de uma submissão voluntária, por parte da população cristã indiana para aceitar o Rei de Portugal como seu Rei.

28 de Maio de 1498

Vasco da Gama é recebido pelo Samorim de Calecut. Quando este lhe pergunta ao que vinha, respondeu Vasco da Gama: *"Que havia sessenta anos que os Reis de Portugal mandavam em cada ano navios para descobrir o CAMINHO PARA A ÍNDIA PORQUE SABIAM QUE POR ESTES LADOS HAVIA REIS CRISTÃOS COMO ELES, e que, por esta razão, mandava descobrir esta terra, e não porque lhes fosse necessário ouro, nem prata, porque tinham tanto em abundância, que lhes não era*

Calecut. Uma gravura a cobre quinhentista.

Uma delegação de cristãos são-tomenses indianos entrega a Vasco da Gama o ceptro do seu antigo Rei Cristão do Índico para que ele o leve ao Rei de Portugal e este os receba como seus novos súbditos.

necessário have-lo desta terra". Mais disse: *"Que agora um Rei, que se chamava D. Manuel, lhe mandara fazer estes três navios, e o mandara por Capitão-Mor deles; e lhe dissera que ELE SE NÃO TORNASSE PARA PORTUGAL, ATÉ QUE LHE NÃO DESCOBRISSE ESTE REI DOS CRISTÃOS E QUE, SE SE TORNASSE, QUE LHE MANDARIA CORTAR A CABEÇA".* O Samorim perguntou-lhe: "Se vinha descobrir PEDRAS OU HOMENS?" Ao que Vasco da Gama respondeu que era embaixador e não mercador, que buscava homens e que não trazia ouro para comprar.

30 de Maio de 1498

Vasco da Gama levou cartas de amizade de D. Manuel I para o primeiro Rei Cristão do Malabar que eventualmente encontrasse. Como o Samorim (termo que significa Imperador) de Calecut era hindu e muito rodeado por comerciantes muçulmanos, que temiam pelo seu já multissecular monopólio do negócio entre a Índia e o Mediterrâneo, surgiu a dificuldade na tradução da carta que Vasco da Gama teve de entregar. Havia consigo duas versões, uma em português e outra em árabe. Vendo a inimizade claramente demonstrada pelos muçulmanos de Calecut, pediu ao Samorim que chamasse um cristão para traduzir a carta. O Samorim mandou chamar um rapaz cristão, mas este não foi capaz de ler a carta em árabe, acabando esta por ser traduzida por alguns mercadores muçulmanos. O Samorim apenas deu ouvidos aos muçulmanos e o mau trato aos portugueses tornou-se uma constante. Até o primeiro árabe com quem os portugueses tinham falado, o mercador de Tunes chamado Monçaide, teve de fugir para bordo das naus portuguesas, por os outros mercadores muçulmanos o terem difamado como espião do Rei de Portugal e roubado todas as suas mercadorias.

29 de Agosto de 1498

Após este autêntico fracasso diplomático, largou-se de volta a Portugal, levando a bordo alguns homens de Calecut que tinham caído em mãos portuguesas. A ideia era levá-los a Portugal, tratá-los bem e trazê-los de volta com a próxima esquadra, para que o seu reaparecimento e o que trariam para contar falasse por si e facilitasse o próximo encontro.

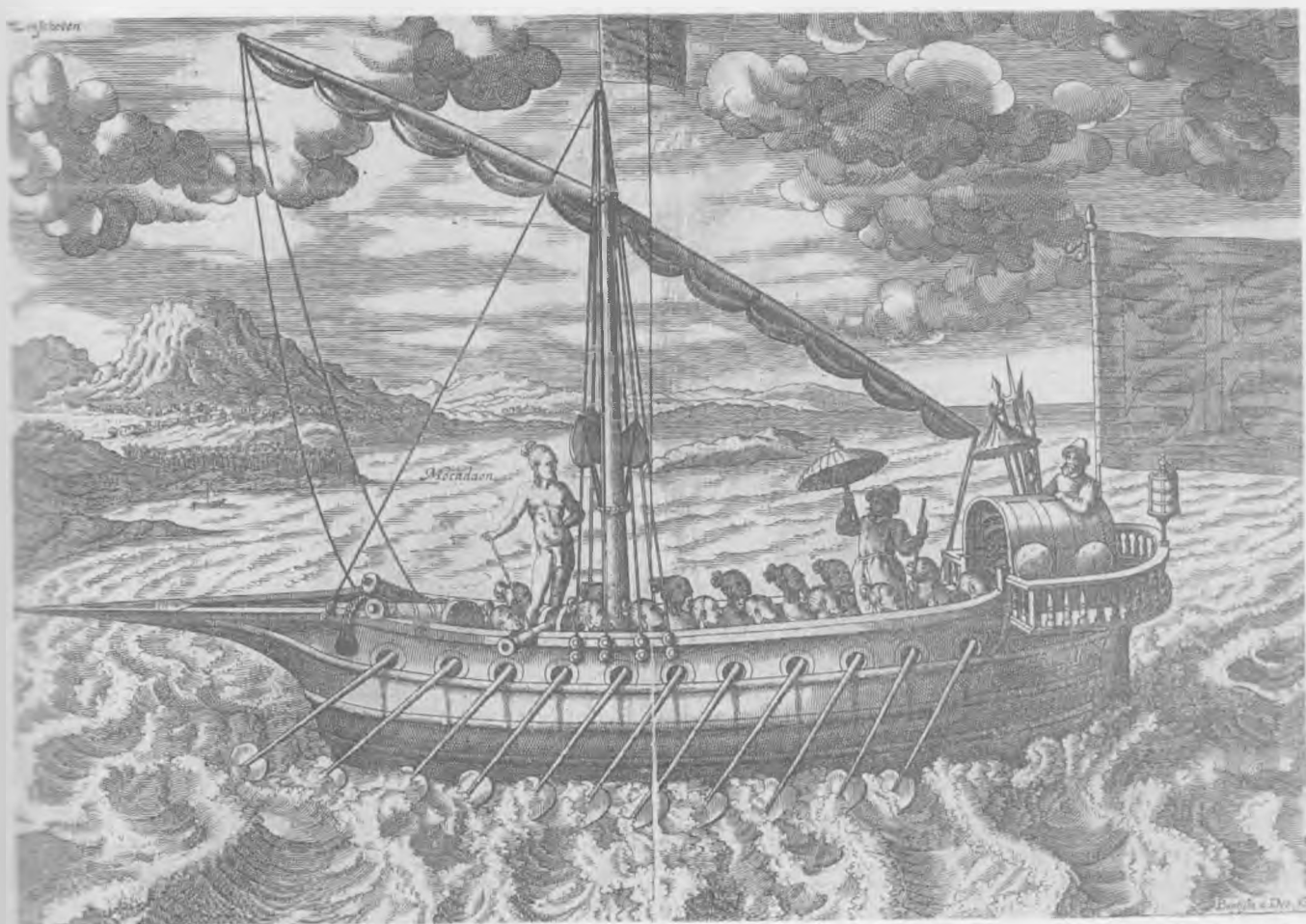
30 de Agosto de 1498

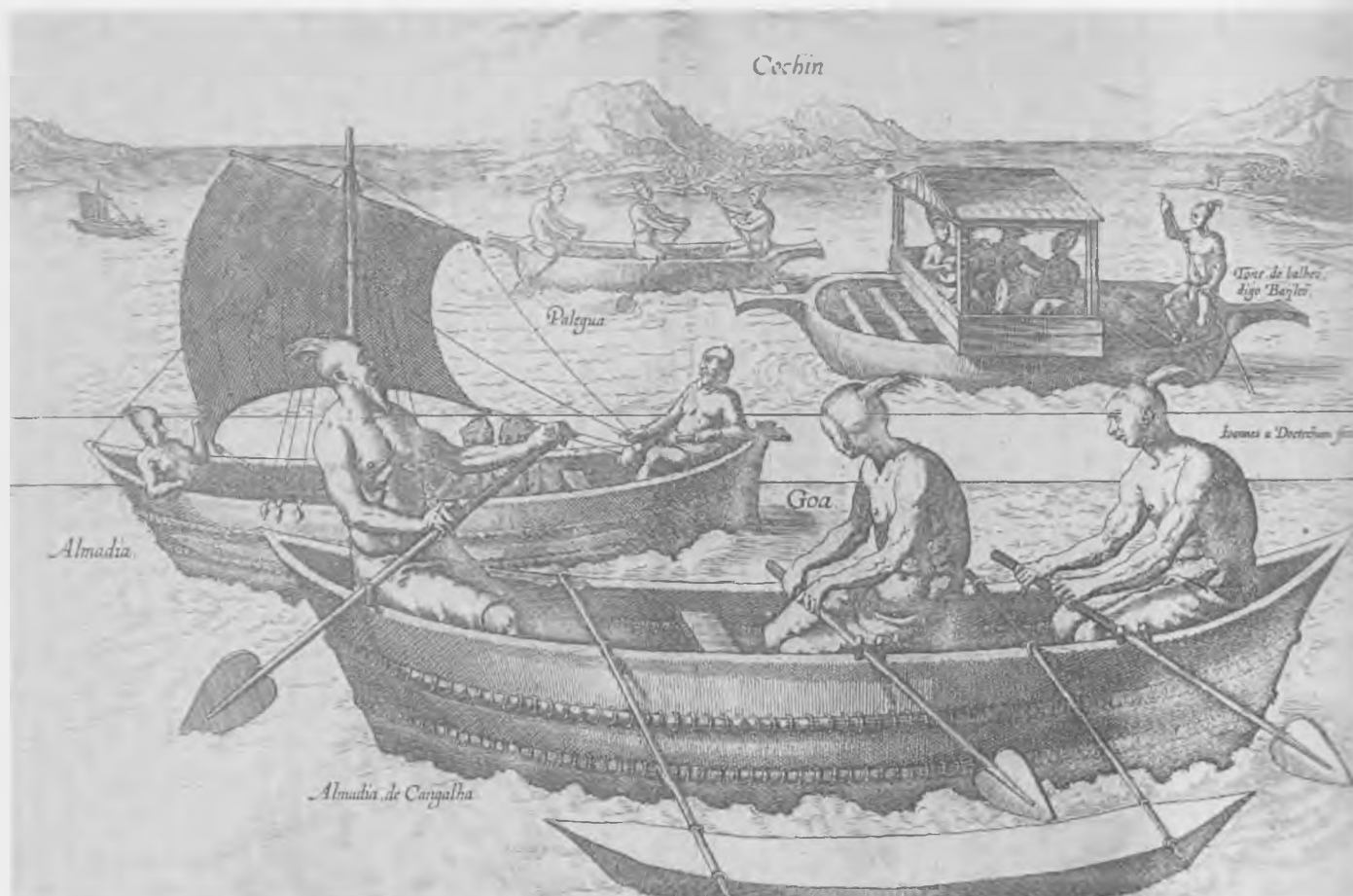
O autor do roteiro informa, após a saída da Índia, que desta terra de Calecut vai "A ESPECIARIA QUE SE COME EM PONENTE E EM LEVANTE, E EM PORTUGAL, E BEM ASSIM EM TODAS AS PROVÍNCIAS DO MUNDO. Calecut tem a sua própria colheita de MUITO GENGIBRE, PIMENTA E CANELA". Informa também que há canela ainda mais fina que vem do Ceilão e cravo de Malaca.

Malaca, conquistada em 1511 por Afonso de Albuquerque. Nas palavras de Tomé Pires, o boticário português que em Malaca viveu de 1512 a 1515: "Quem for senhor de Malaca tem entre mãos o pescoço de Veneza".

Especiarias do Índico vistas por Linschoten no séc. XVI.

Goa, capital do Vice-Rei da Índia Portuguesa, cuja jurisdição ia desde o Cabo da Boa Esperança até Nagasaqui. Foi um dos maiores reinos alguma vez existentes. Gravura de Allard, séc. XVII.

Portugueses na Índia, vistos por Linschoten no séc. XVI. O sombreiro representado é o antepassado do nosso chapéu-de-chuva.

Uma grande fusta de guerra da Ordem de Cristo no Índico, vista por Linschoten no séc. XVI.

O Rajá de Cochim, o nosso mais fiel aliado no Malabar, visto por Linschoten no séc. XVI.

Pirogas de Cochim e almadias de Goa, vistas por Linschoten no séc. XVI. Ainda hoje estes navios têm as tábuas cosidas umas às outras.

15 de Setembro de 1498

Encontrou-se uma ilha adjacente à Índia à qual se deu o nome de Santa Maria e onde se colocou outro padrão. Os habitantes trouxeram muito pescado e diziam ser cristãos. Tal é altamente provável, pois ainda hoje parte substancial da população piscatória do sul da Índia é CRISTÃ-SÃO TOMENSE. Deixou-se esta ilha e seus habitantes com muita amizade.

20 de Setembro de 1498

Chegou-se à ilha de Angediva (ao sul de Goa) e encontrou-se um homem que disse ser cristão, e que, quando soube serem os portugueses igualmente cristãos, muito se alegrou. Voltou com amigos que ajudaram na aguada e disseram haver muita canela na sua terra, mas não outras especiarias.

5 de Outubro de 1498

Depois de mais traições e da decisão de se queimar uma das naus por já termos perdido 60 homens, a maioria por doença, largou-se em direcção a África. A travessia levou três meses, com muitas calmarias e ventos contrários, adoentando toda a gente. Os homens ainda capazes de navegar, em cada uma das duas naus restantes, eram apenas sete ou oito.

2 de Janeiro de 1499

Chegou-se a Mogadixo.

7 de Janeiro de 1499

Chegou-se a Melinde, onde foram muito bem recebidos pelo Rei, que ajudou com carneiros e frutos. As laranjas ajudaram, mas para muitos foi demasiado tarde, acabando por aí ficar enterrados. Trouxeram igualmente galinhas e ovos. Vasco da Gama perguntou ao Rei de Melinde se podia colocar um padrão em sinal de amizade. O Rei concordou e ofereceu um olifante (buzina em marfim trabalhado). Mandou também um mancebo, para que o Rei de Portugal soubesse quanto ele desejava a sua amizade.

12 de Janeiro de 1499

Passou-se por Mombaça.

1 de Fevereiro de 1499

Chegou-se à ilha de S. Jorge, frente a Moçambique, onde se colocou outro padrão.

3 de Março de 1499

Chegou-se a Angra de São Brás onde se tomou muita água e lobos marinhos para salgar.

20 de Março de 1499

Passou-se pelo Cabo da Boa Esperança.

O roteiro ainda menciona uma chegada, a 16 de Abril, a Santiago de Cabo Verde e uma outra, a 25 de Abril, à Serra Leoa, mas nada mais nos conta, oferecendo assim mais perguntas do que respostas.

Porém, com base em outras fontes, temos ainda os seguintes dados:

10 de Julho de 1499

A nau Bérrio entrou na barra de Lisboa comandada por Nicolau Coelho, que deu o seu relato a D. Manuel I, o que gerou a carta deste aos Reis Católicos. Vasco da Gama porém, tinha os seus marinheiros todos doentes e seu irmão moribundo, acabando por arribar à Ilha Terceira, onde Paulo da Gama veio a falecer.

29 de Agosto de 1499

Vasco da Gama chega a Lisboa e dá o seu relato a D. Manuel I, o que causou a grande diferença na interpretação dos contactos Luso-Cristãos-Indianos entre as duas cartas enviadas por este monarca acerca da mesma viagem.

A empresa, verdadeiramente colossal, assombrou o mundo. D. Manuel I acrescentou de imediato ao seu título de REI DE PORTUGAL, o de SENHOR DA CONQUISTA, NAVEGAÇÃO E COMÉRCIO DA ETIÓPIA, ARÁBIA, PÉRSIA E ÍNDIA e com esta legenda se cunhou uma grande moeda de ouro, no valor de dez cruzados, que se chamou O PORTUGUÊS e que, por via cambial, chegou a ser internacionalmente conhecido pelo ESCUDO PORTUGUÊS. Um exemplar sobrevivente desses dias vale hoje cerca de DEZ MIL CONTOS.

D. Manuel deu o senhorio de Sines a Vasco da Gama, fez-lhe doação de mil cruzados em ouro e 300.000 reais de renda anual para ele e todos os seus descendentes, elevando-o a ALMIRANTE DO MAR DA ÍNDIA. Foi-lhe conferida igualmente a mercê de tratamento de Dom, não só a ele, mas também aos seus descendentes, que deveriam conservar o apelido GAMA, em memória de tão grande feito.

Analisando o roteiro, e na ausência de melhores fontes, fica-nos a convicção de que as ORDENS RÉGIAS, para esta grande viagem, foram de facto o seguimento das directrizes da ORDEM TEMPLÁRIA interpretadas pela ORDEM DE CRISTO e seu

Lendim.

Off. Lith. de M.el Luiz, Rua nova dos Martyres N.º 12.

VASCO DA GAMA CHEGANDO DE DESCOBRIR A INDIA,

É RECEBIDO POR EL-REI D. MANOEL EM ACTO PUBLICO E SOLEMNE.

Na página anterior:

A chegada de Vasco da Gama a Lisboa.

mais destacado membro, o INFANTE D. HENRIQUE, quando dizia: "Trazei-me notícias do Reino do Preste João!". As ordens de D. Manuel I devem ter sido: "ENVIO--VOS NA BUSCA DE CRISTÃOS E ESPECIARIAS, TERMINAI O TRABALHO HÁ TANTO INICIADO". A ideia que sempre esteve por detrás da Expansão Portuguesa foi a aproximação aos cristãos coptas de África e aos cristãos são-tomenses do Índico para que com eles se formasse uma aliança contra o Islão, que tinha então posto em causa a sobrevivência da Europa Cristã.

CRISTÃOS E ESPECIARIAS

21 de Maio de 1498

Desembarcou o primeiro português, um degredado de nome João Nunes, que foi a Calecut, onde encontrou dois mouros de Tunes (um deles chamado Monçaide, que ficou nosso amigo). Sabiam falar castelhano e genovês. As primeiras palavras que dirigiram ao português foram: "QUE DIABO TE DEU! O QUE TE TROUXE PARA CÁ ?". Ao que o português respondeu: "VIMOS EM BUSCA CRISTÃOS E ESPECIARIAS!" [illegible]

27 de Maio de 1498

Entrada no porto de Calecut. A partir deste ponto surge, nitidamente, uma interpretação errada de quem é cristão ou não. O autor do roteiro, ou não soube distinguir os Cristãos de São Tomé dos Hindus ou terá recebido ordens para não os distinguir. Cristóvão Colombo já tinha dado ordens para todos os membros da sua tripulação jurarem, sobre os Santos Evangelhos, que as ilhas que tinham acabado de encontrar, eram adjacentes à Índia e que os habitantes seriam, por isso, Indianos. Não possuímos [illegible] dados que nos provem que tenha havido uma ordem dada, neste sentido, por Vasco da Gama e é possível que o autor deste manuscrito os tenha, de facto, confundido. Um dado a favor da tese de que o erro na distinção se ficou a dever a Álvaro Velho, a quem a autoria do roteiro é atribuída, e não a Vasco da Gama, vem do facto de, nas cartas de D. Manuel I (a 1ª aos Reis Católicos e a 2ª ao representante de Portugal em Roma), ser revelada uma substancial diferença na interpretação do Cristianismo Indiano. Facto é que já havia milhões de Cristãos na Índia quando os portugueses lá chegaram e que, mais tarde, uma delegação dos CRISTÃOS DE SÃO TOMÉ DO MALABAR, ofereceu um ceptro de um dos seus antigos Reis Cristãos Indianos, para que Vasco da Gama o entregasse ao Rei de Portugal. Tratou-se de uma submissão voluntária, por parte da população Cristã Indiana, para aceitar o Rei de Portugal como seu Rei.

A chegada ao Malabar, na busca de cristãos e especiarias.

A BUSCA DE CRISTÃOS NA VIAGEM DE VASCO DA GAMA

"TRAZEI-ME NOTÍCIAS DO REINO DO PRESTE JOÃO"

Infante D. Henrique

Reconhecendo a Abissínia como o Reino do Preste João.

O Preste João das Índias, cruzes de benzer coptas com o feitio da nossa cruz de Aviz e uma tampa de arca das Sagradas Escrituras.

Turíbulos de formas diferentes de interpretação do Cristianismo no Malabar. O primeiro, cristão são-tomense; o segundo, português gótico, católico-apostólico-romano (oferecido em Cochim, possivelmente da nossa primeira igreja na Ásia); o terceiro, cristão sírio-caldeu.

Nossa Senhora e cruzes de benzer coptas. A força do Cristianismo na África Oriental.

Escrita copta geez em pergaminho e papel e trípticos em madeira e pedra.

Tecidos cristãos-coptas dos primeiros séculos da era cristã.

Frontispício do "ATLAS UNIVERSAL PORTUGUEZ". Primeiro Atlas impresso português, datado de 1814 e oferecido a D. João VI (Príncipe Regente). Durante o seu exílio no Brasil resolveu-se — por causa do desaparecimento não só da cartografia como de outra documentação relativa aos Descobrimentos, no terramoto de 1755 — ensinar a História Portuguesa ao nosso monarca, baseada nas obras estrangeiras de Guthrie, Bonne, Laurie e Elliot.

NOVO

ATLAS UNIVERSAL

DE

HISTORIA E GEOGRAPHIA

ANTIGA, MEDIEVAL E MODERNA

Pelo Tenente Coronel

ALFREDO OSCAR D'AZEVEDO MAY

PROFESSOR DE HISTORIA E GEOGRAPHIA NO REAL COLLEGIO MILITAR

2$500 reis (*fortes*)

GUILLARD, AILLAUD & C^ie

47, RUE SAINT-ANDRÉ-DES-ARTS, 47
Paris

FILIAL: 28, RUA IVENS, 1°
Lisboa

Frontispicio do exemplar do Atlas pelo qual tanto D. Carlos, como D. Manuel II, aprenderam a História dos Descobrimentos Portugueses. Obra de mérito do Tenente Coronel Alfredo Oscar D'Azevedo May que, porém, publica os mapas de Guillard e Aillaud.

Carimbo da Biblioteca de D. Carlos, Rei de Portugal, colocado no "ATLAS UNIVERSAL PORTUGUEZ".

EX-LIBRIS de D. Manuel II colocado na obra "ATLAS UNIVERSAL PORTUGUEZ".

A BUSCA DE CRISTÃOS NA VIAGEM DE VASCO DA GAMA (*)

É sabido que Vasco da Gama não foi o primeiro português a chegar ao Índico. Pêro da Covilhã já partira de Lisboa em 1487 para trazer novas sobre a rota das especiarias e o Reino do Preste João. Com pleno conhecimento do árabe e do hebraico, fez-se às Índias disfarçado de mercador muçulmano. Infelizmente, não chegou até aos nossos dias o relato enviado por Pêro da Covilhã da Abissínia através de comerciantes hebreus. Nem sequer podemos afirmar que este relato tenha chegado a Lisboa antes da partida de Vasco da Gama, influenciando assim a sua rota.

Para podermos ter alguma luz sobre o que Vasco da Gama esperava encontrar, ou sobre o que D. Manuel I o mandou descobrir, fica-nos, como fonte, o relato da sua viagem, geralmente atribuído a Álvaro Velho, um simples acompanhante, obviamente não iniciado nos segredos da Coroa Portuguesa. Porém, existe uma outra fonte à qual, que eu saiba, nunca se deu a devida importância na questão dos conhecimentos que existiam em Portugal sobre os Cristãos do Índico antes da viagem de Vasco da Gama. Trata-se do globo de Martin Behaim, por muitos erradamente chamado Martinho da Bohémia. Este comerciante alemão, oriundo da cidade de Nuremberga, vivia em Portugal, com estreita ligação aos descobridores portugueses. Casado nos Açores com a filha do Capitão Donatário da Ilha do Faial, teve oportunidades de sobra para se integrar nos assuntos náuticos e beber das primeiríssimas fontes. Autoconvencido e distorcendo a verdade, apresentou-se em Portugal como grande cosmógrafo nórdico, amigo íntimo dos maiores cientistas de então. Conseguindo boa aceitação na Corte de Lisboa chegou a fazer parte da Junta dos matemáticos de D. João II. Revisitando a sua cidade natal de Nuremberga, intitulou-se amigo íntimo do Rei de Portugal e por este armado cavaleiro e primeiro cartógrafo, indo ao ponto de auto-atribuir-se a descoberta da rota pelo Cabo, dizendo que ele e Diogo Cão, comandando duas caravelas, tinham descober-

(*) Palestra do GAMMA (Grupo de Amigos do Museu de Marinha) proferida por Rainer Daehnhardt no Padrão dos Descobrimentos, em 25 de Setembro de 1997.

to a passagem do Atlântico para o Índico em 1484. A vontade de ser um "grande descobridor" não foi só sua, destacando-se três nomes que bem poderíamos classificar como sendo os três grandes mentirosos do fim do século XV. São eles: Américo Vespucci, Cristobal Colon e Martin Behaim. Coloco Vespucci em primeiro lugar. O nosso Almirante, cientista e historiador, Gago Coutinho, estudou as cinco cartas atribuídas a Vespucci e que deram fundamento à sua obra, chegando à conclusão de que a sua famosa primeira viagem nunca se realizou, que a sua quarta viagem é relatada por quem nem sequer o acompanhou e que na sua segunda e terceira viagens não passou de lastro, pois foi enviado como astrónomo e revelou total incapacidade para preencher estas funções. A obra *Terra Nova de Américo Vespucci*, ainda publicada durante a sua vida e estadia em Espanha, nunca por ele refutada, classifica-o de Almirante de Esquadra, dando-lhe a honra de ter sido o descobridor do continente americano em 12 mil léguas, desde a Flórida até ao Rio da Prata. Gago Coutinho chama à obra "Lendas da América" e tal deve-se não só ao facto de atribuir 150 anos de idade a índios e por considerar um deles campeão por ter comido trezentos colegas, mas sim, e em primeiro lugar, devido aos gravíssimos erros de distâncias e rumos, que desmascaram um profundo desconhecimento de navegação e uma acumulação de simples mentiras. Na figura e obra de Cristóvão Colombo também encontramos uma rede onde a verdade e a mentira se entrelaçam e a conveniência de mitos rapidamente se tornam em apresentação de factos considerados reais. Destes três, curiosamente, foi Behaim quem mais directamente se envolveu com Portugal e seus navegadores e do qual se pode esperar ter tido maior acesso aos conhecimentos lusos. Porém, a sua obra parece-me ser a menos estudada e a mais empregue como conto dos contadores de lendas.

Descontando as mentiras e as lendas nas obras destes três, ainda nos fica o suficiente para não os anularmos de todo. A mais concreta, e por isso também a mais facilmente atacável obra que nos ficou deles, é o globo, também chamado "maçã terrestre", que Martin Behaim elaborou no ano de 1492 por ordem do Conselho Municipal de Nuremberga. Trata-se do mais antigo globo ainda existente, o mesmo que mais tarde, em 1515, serviu a Albrecht Durer para inventar a sua grelha que permitia a representação bidimensional dum corpo tridimensional, mostrando, simultaneamente, ao Imperador da Alemanha, o que os Portugueses estavam a descobrir na Ásia.

Sabemos que Martin Behaim era mau comerciante, mau cartógrafo e mau contador da verdade. Porém, é indiscutivelmente, o autor do único globo terrestre quatrocentista sobrevivente e, assim, estudável, que nos pode revelar algo sobre os conhecimentos já existentes em Portugal sobre a Ásia antes da partida de Vasco da Gama em 1497. Neste prisma estamos perante uma fonte de peso! Pondo de

O globo de Behaim datado de 1492. Fala do Cristianismo na África Oriental, nas ilhas do Índico e do martírio do Apóstolo São Tomé na Índia. Tudo conhecimentos prévios à viagem de Vasco da Gama.

O mapa-mundi da Crónica de Nuremberga, publicada em 1493. Todos os conhecimentos do chamado outro lado do globo baseavam-se até então nos conhecimentos romanos do cartógrafo alexandrino Cláudio Ptolomeu, acrescentados com fábulas e lendas sempre férteis entre os navegadores.

O mundo descoberto pelos portugueses na sua apresentação feita em 1515 por Alberto Dürer ao Imperador alemão Maximiliano I. Este monarca sempre mostrou grande interesse por Portugal, entrando nas suas batalhas com o estandarte da águia imperial alemã de um lado e a bandeira das quinas do outro, o que é compreensível por ter sido filho da Infanta D. Leonor de Portugal, neta de D. João I e filha de D. Duarte.

A trasladação dos ossos de S. Tomé (únicos conhecidos dum Apóstolo) de Meliapor a Goa.

GROENLANDIA
Circulo Polar Arctico
Islandia
Estreito de Davis 1585
MAR DE HUDSON
1610
Estreito de Hudson
LABRADOR
Cabot 1497
AMERICA DO NORTE
OCEANO
ILHAS BRITANNICAS
DINAMARCA
PRUSSIA
ALLEMANHA
FRANÇA
AUSTRIA HUNG
HESPANHA
Lisboa
MAR MEDITER
Terra Nova (J. e S. Cabot 1497)
CANADA
New York
Washington
ESTADOS UNIDOS
Ilhas dos Açores
Gonçalo Velho Cabral 1432
Porto Santo Vaz Teixeira
Ilha da Madeira
J. Gonçalves Zarco 1418
Ilhas Canarias
Bethencourt 1402
Rio de Oiro Gonçalves Baldaya 1436
Sahara ou Grande Deser
FLORIDA Ponce de Leon 1512
Gº do Mexico
1ª descoberta de Christovão Colombo 12 Outubro 1492
Cabo Branco Nuno Tristão 1441
Pedro de Evora
Gonçalo Annes 1487
Ilhas do Cabo Verde
Antonio de Nola
Diogo Gomes
GRANDES ANTILHAS
JAMAICA
Colombo 1494
PEQUENAS ANTILHAS
C. Colombo 1492-1498
Diniz Dias 1445
SUDAN ou NIGI
Cadamosto
Nuno Tristão
MAR DO SUL
Nunez Balboa 1513
COLOMBIA
VENEZUELA
GUYANAS
GUINÉ SUPERIOR
Rio Amazonas
Pinzon 1500
Equador
EQUADOR
Gomez 1470
INDEPENDENCIA DO BRAZIL
1822
João da Nova 1501
Diogo Cão 1484
CONGO
Pizarro 1525
BRAZIL
Pedro Alvares Cabral 1500
João da Nova 1502
M. Correa 1670
Pedro Alvares Cabral 1500
BOLIVIA
PARAGUAY
Rio de Janeiro
Diogo Almagro 1534
Rio Grande Silva Paes 1737
Mendonça 1535
URUGUAY
Montevideo
Buenos Ayres
Rca ARGENTINA
Iª Tristão da Cunha
Tristão da Cunha 1506
Cabo das Tormentas ou da Boa Esperança
Vasco da Gama 1497
Bartholomeu Diaz
1486
AMERICA DO SUL
OCEANO PACIFICO
OCEANO ATLANTICO
Ilha Chiloe
Mendonça 1578
S. Julião Magalhães 1520
Estreito de Magalhães
Terra do Fogo
Magalhães 20 de Outubro
1520
NAVIGADORES E
O INFANTE D HENRIQUE O NAVIGADOR
1393 Sagres 1460
Gonçalves Zarco | de Sagres a Madeira | 1418
Vaz Teixeira | a Porto Santo | 1418
Gonç Velho Cabral | aos Açores | 1432
Gil Eanes | ao Cabo Bojador | 1434
Gonç Baldaya | ao Rio de Oiro | 1436
Nuno Tristão | ao Cabo Branco | 1441
a Arguim | 1443
Gonçalo Velho | a S. Miguel | 1444
Diniz Dias | ao Cabo Verde | 1445
Cadamosto | ao Rio Geba | 1445

MONGOLIA
TURKESTAN
TIBET
CHINA
MANCHURIA
MAR DO JAPÃO
MAR D'OKHOTSK
MAR NEGRO
MAR DE ARAL
TURQUIA ASIATICA
PERSIA
ARABIA
INDOSTÃO
BENGALA
Golfo de Bengala
MAR DE ARABIA
MAR VERMELHO
MAR DA CHINA
Tropico de Cancer
Tropico de Capricornio
Equador
OCEANO INDICO
OCEANIA
Ilhas Philippinas
Magalhães 1521
Ilhas Marianas
Magalhães 1521
Ilhas Carolinas
Villalobos 1545
Ilhas Maldivas
Lourenço de Almeida 1507
1ª de Ceylão
Almeida 1505
Vasco da Gama
20 de Maio 1498
Ilhas da Sonda
Abreu
BORNEO
SUMATRA
MADAGASCAR
MOSAMBIQUE
Almeida 1506
Vasco da Gama 1498
Lopo Soares
Albuquerque 1513
Albuquerque 1506
Albuquerque 1510
Albuquerque 1511
Mascarenhas 1545
Tª Bourbon ou da Reunião
Iª de Rodrigo
NOVA HOLLANDA
Depois
AUSTRALIA
Tasmania
ou Tªª de Van Diemen
Tasman 1642
Lago Baikal
Pekin
Pinto 1542
Macao
1557
Perm
Obi
TINERARIOS
mez de Lisboa ao Congo 1470
rtholomeu Diaz ao Cº das Tormentas 1486
asco da Gama as Indias 1497 1498
dro Alvares Cabral ao Brazil 1500
buquerque a Malaca 1507
agalhães as Ilhas Philippinas 1520
CONQUISTADORES DAS INDIAS
Francisco d'Almeida 1510
Alfonso d'Albuquerque 1515
João de Castro 1548

lado a confusão geográfica oriunda da sua interpretação pessoal, principalmente baseada, no que diz respeito à Ásia, nos mapas ptolemaicos e nos relatos de Marco Polo, temos, porém, de reconhecer factos reais. Assim, apresenta-nos numa costa "pseudo-indiana" os reinos de *"Surate, Maabar, Koulao e Kael"*. Não se trata de fantasia, pois existiam os reinos de Surate, Malabar e Coulão. No lugar geograficamente identificável com o seu *Kael,* pintado com grande destaque, situa-se Calecut, o primeiro alvo da navegação portuguesa. Kael deve ser Calecut. As primeiras quatro letras até condizem, embora por ordem diferente. Este pequeno erro, como o da abreviatura, pode até nem ser erro de Behaim visto o seu globo ter sido diversas vezes "restaurado" e nomes que não se conseguiam ler bem receberam nova pintura por cima. Assim, *Kalekut* pode ter sido facilmente transformado em *Kael.* Em Calecut reinava o Samorim, ou seja, o Imperador, enquanto nos reinos vizinhos reinavam os Rajas, que significava os Reis. Assim se compreende que Vasco da Gama tenha procurado, acima de tudo, a aceitação do Samorim. Mas, de certa forma, chegou tarde! Séculos antes já ali se tinham instalado os comerciantes árabes e, logicamente, não viam com bons olhos o aparecimento dum forte concorrente europeu. Daí as traições e inimizades e os constantes conselhos negativos enviados pelos principais cortesãos de Calecut ao seu Samorim. Este, embora hindu e, por isso, bastante tolerante em questões religiosas, encontrava-se dependente dos fortes tributos que o comércio entre a Costa do Malabar e o Médio Oriente lhe ofereciam e não ia mudar uma política ancestral de favoritismo pró-árabe.

Quem visitar, hoje, o sul da Índia fica surpreendido com o facto de as ligações aéreas directas de Calecut não serem para as cidades vizinhas de Cochim, Goa ou Bombaim, nem para Nova Delhi sequer, mas sim para Riade, capital da Arábia Saudita, Barein, Qatar e os Emirados Árabes, tudo terras da Península Arábica. Isto demonstra que meio milénio no contexto da história da Ásia é pouco tempo e que o favoritismo pró-árabe de Calecut se mantém. Ainda hoje Calecut é o mais forte enclave pró-árabe de Kerala. Até a inimizade dos habitantes de Cochim (os melhores e mais fiéis aliados que, de início, os Portugueses encontraram na Índia), contra os de Calecut pode ser hoje facilmente sentida.

No seu globo terrestre, Behaim não só demonstra a importância de Calecut e do negócio das especiarias, como aponta, geograficamente na Índia, um local, indicando que foi ali que o Apóstolo São Tomé foi morto por uma flecha. Refere-se, obviamente, a Meliapor, mais tarde rebaptizada pelos portugueses de "cidade de São Tomé". Este foi o único apóstolo do qual se encontrou, até hoje, o local de enterro. Behaim pode ter tirado este e muitos outros dados, da obra de Marco Polo, mas isto não significa que os navegadores portugueses não tivessem também

acesso a estes dados, antes pelo contrário. Behaim deve ter tido o primeiro conhecimento dos dados de Marco Polo através dos portugueses! O irmão do Infante D. Henrique, D. Pedro, tinha visitado Veneza e recebido o manuscrito original como oferta dos Doges, que sempre consideraram os contos de Marco Polo como lendários e sem qualquer aproveitamento científico. O recebimento deste importante manuscrito em mãos portuguesas, considerado um facto histórico durante séculos, chegou a ser posto em dúvida no nosso século. Porém, redescobriu-se a lista dos livros deixados por D. Afonso V e nela vem mencionado este valioso manuscrito. Não é para admirar que as primeiras edições impressas desta narração de viagens ao Extremo-Oriente tenham surgido precisamente na Alemanha e em Portugal. Os nossos primeiros tipógrafos eram, em grande parte, alemães que mantiveram férteis contactos com os seus colegas nas suas cidades de origem. Assim, tanto em Nuremberga como em Lisboa, sabia-se muito acerca destes relatos. Mas as indicações geográficas de Polo eram tão imprecisas que tinha de haver outras fontes de informação para poder colocar alguns dos dados. Quando estes faltaram Behaim não se preocupou e improvisou, inventando-os, dentro do que lhe parecia lógico. Assim, inventou a existência dum grande mar, anexo ao Índico, com terras e cidades portuárias, oferecendo a seguinte legenda explicativa: *"Este mar, terras e cidades pertencem todas ao grande imperador Preste João da Índia"*.

Em relação a este lendário monarca, oferece Behaim diversas informações: *"Neste país reside o poderoso imperador conhecido por Mestre João que foi nomeado soberano pelos três Reis Magos, Gaspar, Baltazar e Melchior na terra dos mouros. Seus descendentes são bons cristãos e há muitos reis entre eles"*. Noutra legenda repete parcialmente e contradiz a anterior: *"Todas estas terras, mares e ilhas, estes países e reinos foram oferecidos pelos três Reis Magos ao Imperador Preste João. Antigamente eram todos cristãos mas no presente nem 72 cristãos podem ser encontrados entre eles"*. Behaim desejou, obviamente, representar todos os conhecimentos que tinha. Se os mesmos se contradiziam, isso não o preocupava. Pelo sim, pelo não, apresentava ambas as versões, confiante de que pelo menos uma estaria certa.

A Ilha de Madagascar (estamos perante a mais antiga referência a esta ilha, oficialmente então ainda não descoberta), é apresentada com a seguinte legenda: *"Os navegadores da Índia, onde São Tomé jaz enterrado e do país Malabar vão com as suas embarcações a esta ilha Madagascar normalmente em 20 dias, mas no seu retorno ao Malabar raras vezes conseguem chegar aos seus lares em 3 meses por causa das correntes do mar que aqui costumam se dirigir fortemente ao sul. Isto escreve Marco Polo no seu 39 capítulo do seu 3 livro"*. Temos aqui uma indicação

pessoal de Behaim acerca da origem deste conhecimento, o que me leva a crer que os navegadores portugueses, através dos seus mestres escolares tivessem também conhecimento dos mesmos factos. Podemos então concluir que Vasco da Gama já tinha conhecimento das dimensões do Índico antes de nele entrar, sabendo da existência da Ilha de Madagascar antes do descobrimento oficial da mesma e sabendo também do perigo das fortes correntes ao sul da referida ilha. Assim, é lógico que Gama tenha escolhido a rota ao norte de Madagascar, mantendo-se junto à costa oriental africana cortando o Índico, em linha recta, de Melinde a Calecut. Após dobrar o Cabo da Boa Esperança poderia parecer mais rápido, para chegar à Índia, passar ao sul de Madagascar, mas esta rota foi anulada no início da nossa navegação no Índico, surgindo só muito mais tarde e, normalmente, no caminho do regresso, tal como Behaim indicara, em 1492, como sendo a mais conveniente.

Behaim faz bastante confusão quanto às ilhas do Índico, mencionando algumas delas como sendo habitadas por cristãos. Mostra-nos uma ilha de homens e outra de mulheres, que se podiam encontrar uma vez por ano, e que eram cristãos, tendo um bispo que os governava sob as ordens do arcebispo de Socotra. Esta é mais correctamente apresentada com a seguinte legenda: *"Socotra é uma ilha que dista 500 milhas italianas das ilhas dos homens e das mulheres. Seus habitantes são cristãos e um arcebispo é o seu soberano"*. Estas indicações são preciosas e explicam o porquê das constantes ligações das frotas portuguesas com a ilha de Socotra, que não podem ser só justificadas pela necessidade de água doce, pois esta também se encontrava noutros lugares. A descoberta de cristãos em Socotra, a construção de uma igreja pelos portugueses, a protecção lusa oferecida a estes cristãos, tudo isto se tornou já previsível pela simples leitura do globo que nos foi deixado por Behaim! Quando São Francisco Xavier chegou ao Índico, visitou primeiro a ilha de Socotra e ficou espantado por aí encontrar cristãos com história própria e multissecular. Quando chegou ao Malabar e se encontrou com os principais representantes dos milhões de cristãos de São Tomé indianos não os conseguiu convencer que receberiam proveito religioso se se ligassem à forma romana do cristianismo. Foi por esta razão que se fez ao Extremo-Oriente, já que no Índico pouco tinha para realizar.

Behaim também nos indicou que a costa oriental africana foi cristianizada pelo apóstolo São Mateus, o que é outro facto histórico, e fala-nos do grande imperador Minupiás da Abissínia e do seu povo cristão, que negoceia em ouro e marfim. Tudo isto são factos concretos, que os portugueses puderam depois comprovar. Behaim, obviamente, não faz nenhuma distinção entre cristãos católicos apostólicos romanos, cristãos coptas, cristãos nestorianos, cristãos sírio-caldeus

ou cristãos são-tomenses. Para ele bastou a indicação de serem cristãos e para os portugueses, até ao fim do reinado de D. Manuel I, também!

Se olharmos agora para o relato da primeira viagem de Vasco da Gama à Índia, atribuído a Álvaro Velho, não só encontramos uma não existência de diferenciação entre cristãos católicos apostólicos romanos, cristãos coptas e cristãos são-tomenses, como até uma errada interpretação dos hindus, sendo classificados como cristãos. Não se pode esperar profundos conhecimentos teológicos dum simples marinheiro português, que só fez o seu relato para a sua própria memória e não para qualquer instituição científica.

Como o seu relato é normalmente tomado como fonte única acerca desta viagem, dá-se pouco peso às suas menções sobre o encontro com os cristãos, considerando-se estas como "confusões sem interesse". Álvaro Velho mencionou estes encontros como simples curiosidades, dando pessoalmente mais relevo à procura de especiarias e outras possibilidades de trocas comerciais. Um marinheiro dos nossos dias certamente teria feito um relato parecido e isso não nos deve surpreender. Mesmo assim é interessante verificar que Álvaro Velho menciona especiarias 13 vezes e cristãos 49 vezes. Entre estas 49 vezes há dez menções incorrectas, onde se fala de hindus chamando-os cristãos e isto apenas a partir da chegada a Calecut. Em 39 vezes aplica correctamente a classificação de "cristão", embora não diferencie entre católicos apostólicos romanos, coptas ou são-tomenses, sendo todas estas três categorias por ele encontradas. Assim, não temos o direito de classificar as suas observações como fantasiosas. Surge-nos mesmo a pergunta: até que ponto Vasco da Gama queria que a sua tripulação considerasse os hindus encontrados em Calecut como cristãos? Haverá aqui uma ligeira semelhança com Colon que obrigava os seus companheiros, sob juramento, a chamar às terras descobertas "Índia" e aos seus habitantes "indianos"?

Sobre este aspecto é interessante ler as cartas enviadas por D. Manuel I aos Reis Católicos e a Roma, após a chegada do primeiro e segundo navios que voltaram da descoberta do Caminho Marítimo para a Índia. O primeiro navio a chegar foi o *Bérrio* de Nicolau Coelho. O Rei comunicou então aos Reis Católicos a descoberta do Caminho Marítimo para a Índia pela rota africana, mencionando que a gente encontrada era "cristã, posto que não fosse tão confirmada na fé". Um mês e meio depois chegou o navio São Gabriel e D. Manuel I enviou uma carta, datada de 28 de Agosto de 1499, ao Cardeal Protector, D. Jorge da Costa, nosso representante em Roma, para informar o Papa, dizendo que o Samorim e o seu povo se deviam ter por hereges, dada a forma da sua cristandade. A diferença da interpretação régia sobre a religião do Samorim e seu povo entre a chegada do primeiro navio e o segundo é importante e leva-me a concluir que não sabíamos

Cálice e caixa para hóstias dos cristãos sírio-caldeus da Índia.

À esquerda, a mais antiga candeia pendente cristã são-tomense por nós até hoje encontrada. Data do primeiro milénio. No meio da corrente mostra a coroa, a pomba do Espírito Santo e a Cruz (um conjunto de símbolos ainda hoje profundamente enraizados no culto do Espírito Santo nos Açores). Da sua base, onde se coloca óleo de coqueiro, sai uma flor de lótus cujas pétalas representam as cabeças dos Apóstolos. À direita, um cálice nestoriano, também do primeiro milénio, que pela sua dimensão nos mostra ser comunitário. No centro, uma grande cruz cristã são-tomense em pau-santo encimada pela pomba do Espírito Santo.

Monge arménio da ORDEM DE SANTO ANTÓNIO. A única representação conhecida desta ordem, que muito peso teve tanto para os coptas como para os nestorianos e cristãos de São Tomé.

Monge nestoriano (os cristãos de São Tomé eram nestorianos).

Na pagina anterior:

Jesus e os Apóstolos. Do lado esquerdo vê-se S. Tomé Dídimo, ou seja, irmão (irmão gémeo ou irmão mais amigo) de Cristo. Xilogravura da Crónica de Nuremberga, atribuída a Alberto Durer, 1493.

AS CRUZES ABEXINS

Cruzes processionais coptas e Gondara, capital abexim no planalto da África Oriental, onde todos os edifícios em pedra foram construídos como gesto de amizade por parte da lusa gente.

DO GOLFO DE MARTABÃO À CIDADE DE S. TOMÉ NA COSTA DO COROMANDEL

O Índico e o Golfo de Bengala, mostrando não só Diu, Damão e Goa no Malabar e a cidade de S. Tomé, local do martírio do único Apóstolo de que se descobriu um túmulo, na Costa do Coromandel. Também mostra, no Golfo de Bengala, os principais reinos produtores dos famosos potes de especiarias, nomeadamente Martabão, Pegu, Arracão, Sião e Birmânia.

Duas cruzes cristão-indianas em ferro lavrado a ouro utilizadas pelos cristãos de São Tomé da costa do Coromandel.

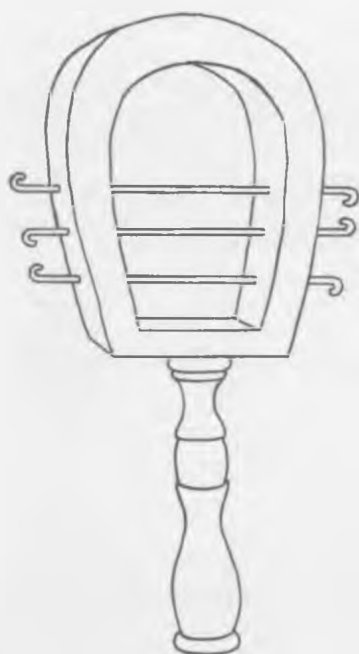
Candeias litúrgicas do Malabar, parecidas mas, no entanto, [illegible] diferentes. As do lado esquerdo são todas cristãs são-tomenses. As do lado direito são todas hindus.

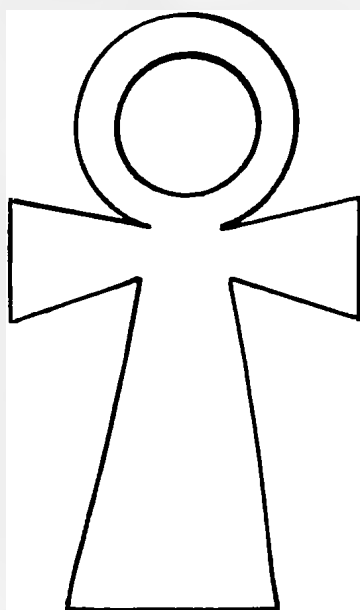
Candeia litúrgica hindu da costa do Malabar. Mostra o símbolo fálico.

Candeia litúrgica cristã são-tomense da costa do M[illegible] Mostra o símbolo da cruz. Em ambas as candeias se m[illegible] seu símbolo principal ladeada pelo do sol e da lua, ou seja [illegible] dia" e "a noite", significando "sempre", ou seja "sempre [illegible] ou "sempre cristão".

A laje do túmulo do Apóstolo São Tomé, descoberta pelos portugueses em Meliapor, na Índia, durante o reinado de D. João III. Tanto a cruz, parecida com a de Aviz, como a pomba, símbolo do Espírito Santo, eram bem conhecidas dos navegadores lusos.

Sinos e cruz dos cristãos são-tomenses indianos.

Réplica de candeia gigante cristã são-tomense (2,5 metros de altura) da igreja de Trichur de Kerala que recentemente aceitou o Papa João Paulo II como seu líder espiritual. Este, em extraordinária demonstração não só do seu pensamento mas da sua acção ecuménica, deslocou-se à Índia, aceitando esta comunidade e acendendo a candeia cristã são-tomense em reconhecimento da sua origem.

Um sistro faraónico do segundo milénio antes de Cristo (encontraram-se diversos no túmulo de Tut-Ank-Amon). Simbolizam a necessidade de tudo se ter de manter em contínua agitação, de que o nascimento da alma no corpo e a corrupção deste (a morte), são apenas diferentes estados da nossa movimentação, como a criação e transmissão dos sons e seus efeitos. O oferecimento de uma roca em prata a uma criança, no dia do seu baptismo, é a reminiscência cristã-ocidental deste ancestral instrumento de som.

Um sistro copta com inscrição em gée e encabeçado
símbolo da cruz. Proveniente do Culto a Ísis, a Virge
Mundo. Só proibido num concílio do século VI, man
-se no cristianismo copta até aos nossos dias.

ANKH, a cruz ansada do Egipto faraónico, simbolizando a "CHAVE DA VIDA". Como o cristianismo copta nasceu em Alexandria, berço da cultura ptolemaica (greco-egípcia), não é de espantar que se represente o MESTRE ANCIÃO (Santo Antão faleceu com 105 anos), como PRESTE JOÃO, ladeado pelos seus dois leões, dando-se-lhe a configuração do ANKH. Desta forma, simbolizava-se o PRESTE JOÃO através da CHAVE DA VIDA ou, noutras palavras, através do PRESTE JOÃO alcançava-se a VIDA ETERNA.

PRESTE JOÃO simbolizando a "CHAVE DA VIDA". Os contornos
seu corpo e o seu halo dão, precisamente, o "ANKH", simbo
vida desde a era faraónica.

da existência de hindus. Behaim também não os menciona no seu globo. Só sabíamos diferenciar os muçulmanos dos não muçulmanos na costa do Malabar. Na realidade, encontrou-se em Calecut uma convivência de diversas religiões. Assim, havia uma população maioritariamente hindu, por sua vez subdividida nas suas diversas castas, ao lado da qual coexistiam fortes núcleos muçulmanos e cristãos são-tomenses. Estes não se distinguem pelas suas roupas dos hindus. Até os objectos de culto, como, por exemplo, as candeias, são extremamente parecidos. Na minha última viagem ao Indostão assisti a um casamento cristão são-tomense e tive, na ocasião, dificuldade em distinguir os hindus dos cristãos são-tomenses. Na única gravura antiga que conheço onde se representa a delegação dos cristãos são-tomenses do Malabar a entregar o ceptro do seu Rei Cristão Ancestral a Vasco da Gama, com o pedido deste o entregar ao Rei de Portugal para que o mesmo seja o seu Rei, apresenta o autor estes cristãos malabáricos como se de muçulmanos se tratassem, com turbantes, o que é um erro. Não creio que Vasco da Gama mentisse ao Rei acerca do cristianismo estranho encontrado na Índia. O que nos faltava era a diferenciação entre hindus e cristãos são-tomenses. Para Vasco da Gama o inesperado foi o facto de os soberanos da Índia serem só muçulmanos ou hindus. Os cristãos encontrados não eram soberanos, mas simples pescadores ou comerciantes, visto grande parte dos mesmos — já na altura da cristianização da Índia por São Tomé e São Mateus e, mais tarde, pelos cristãos nestorianos vindos da Síria e Babilónia —, terem sido recrutados entre a população piscatória e a hebraica. Esta tinha-se estabelecido no Malabar, séculos antes de Cristo, em fuga de Nabucodonosor. Competia a Vasco da Gama encontrar o Reino Cristão da Índia. Encontrou reinos cristãos em mãos de hindus, entre os quais viviam cristãos. Mas isto levou tempo a esclarecer e só se clarificou, de vez, com a segunda armada destinada à Índia, a de Pedro Álvares Cabral.

No relato da primeira viagem por Álvaro Velho mencionam-se diversos encontros no Índico com cristãos. Podemos hoje dizer quais dos encontros foram com coptas e quais com cristãos são-tomenses. Os que salvaram Vasco da Gama da traição e lhe mostraram as suas sagradas escrituras com o símbolo da pomba do Espírito Santo, eram coptas. A alegria sentida por ambas as partes em todos estes encontros entre cristãos foi imensa e reveladora de uma vontade mútua de aliança contra o Islão.

Álvaro Velho descreve o desembarque do primeiro português da armada de Vasco da Gama perto de Calecut, um degredado, que encontra dois mercadores muçulmanos, um dos quais de Tunes, que falava castelhano. Quando este, com grande espanto, se vê confrontado com o português e lhe pergunta o que vinha buscar tão longe, teve como resposta cinco palavras que, ao mesmo tempo, nos

oferecem a análise mais cristalina das razões e ordens que estavam por detrás da Expansão Portuguesa no Índico: "*Vimos buscar cristãos e especiarias!*". Foi isso o que se ordenou e foi isso que se cumpriu! A busca era destinada aos cristãos e às especiarias, nesta ordem de prioridades! O próprio Vasco da Gama explicou ao Samorim as razões da sua viagem da seguinte forma: "*Que havia sessenta anos que os Reis antecessores mandavam cada ano navios a descobrir contra aquelas partes, porquanto sabiam que em aquelas partes havia reis cristãos, como eles, e que D. Manuel lhe dissera que ele se não tornasse para Portugal até que lhe não descobrisse este rei de cristãos*". O que o Rei iniciado português pretendia não era só descobrir o caminho marítimo para a Índia e a aquisição de especiarias directamente nas suas fontes, mas também e, provavelmente em primeiro lugar, uma aliança com os cristãos do Índico, nomeadamente os coptas da Abissínia e os cristãos de São Tomé da ilha de Socotra e da Índia, o que aliás mais tarde se veio a realizar.

Vivemos num mundo intelectualmente degenerado, onde a vertente materialista é a principal mola real de acção, o que torna difícil a compreensão de uma época onde os valores espirituais se colocavam acima dos materiais. O reconhecimento do *porquê* que estava por detrás das directrizes deixadas pelo Infante D. Henrique no estímulo a favor da navegação lusa, oferece-nos uma imagem bastante diferente da que genericamente se instalou hoje acerca da época dos descobrimentos. Podemos afirmar com razão, que a vertente espiritual foi da máxima importância durante a fase inicial da Expansão Portuguesa, distanciando-a radicalmente das formas de expansão que então se deram por iniciativa de outras nações europeias.

As duas grandes riquezas que vieram para Portugal durante o reinado de D. Manuel I foram:

- uma material, através da aquisição directa das especiarias;
- e outra espiritual, através do abraço português aos cristãos coptas da Abissínia e aos cristãos são-tomenses do Índico.

Devemos assim reconhecer que a busca dos cristãos distanciou-nos dos outros europeus, elevando parte dos descobrimentos lusos a um alto nível civilizacional, onde se arriscaram vidas e bens, para plantar a semente da concórdia entre diferentes formas do cristianismo.

O nosso ensino falha por não divulgar as verdadeiras razões que estão por detrás das mais significativas páginas da evolução da humanidade, escritas pela gente lusa. Na *Busca dos Cristãos e das Especiarias* fizeram-se os portugueses ao mar e só é justo que tal seja devidamente relembrado.

D. CHRISTOVÃO DA GAMA DESBARATA O UZURPADOR

DA ABYSSINIA, E RESTABELECE NO THRONO O LEGITIMO SOBERANO.

Na página anterior:

D. Cristóvão da Gama lutando na África Oriental para manter a Abissínia em mãos cristãs.

Mapa quinhentista da Ásia, da autoria de Abraham Ortelius, mostrando como único brasão o da Casa Real Portuguesa, visto o comércio asiático então a ela estar sujeito.

A volta pelo Atlântico. A caravela "Bérrio" chegou primeiro a Lisboa. A nau S. Gabriel chegou com bastante atraso, devido à morte de Paulo da Gama, enterrado na Ilha Terceira.

Escudo abexim guarnecido a prata. Imaginem-se os primeiros dos nossos navegadores contornando o continente africano, subindo o Índico e entrando no Mar Vermelho. De repente, encontram-se em frente de guerreiros que ostentam a nossa cruz templária como sua protectora. É óbvio que, perante isso, mostrámos as nossas cruzes e, então, abexins e portugueses caíram nos braços uns dos outros. Cristãos de culturas e mundos totalmente diferentes encontraram-se e aliaram-se!

Salva de prata indo-portuguesa quinhentista, misturando motivos portugueses com outros do Indostão. Raparigas tocando guitarra portuguesa, a suástica na sua forma de roda celeste, animais e flores em abundância.

Turcos asiáticos, os principais opositores à expansão lusa. Gravura a cobre de Mallet, 1683.

QUESTÕES EM TORNO DA DISSERTAÇÃO
"A BUSCA DE CRISTÃOS
NA VIAGEM DE VASCO DA GAMA"

QUESTÕES EM TORNO DA DISSERTAÇÃO
A BUSCA DE CRISTÃOS NA VIAGEM DE VASCO DA GAMA

O que procurávamos nós na Índia?

R.D.: Acho errada a forma como o relato atribuído a Álvaro Velho sempre serviu para ridicularizar Vasco da Gama, dizendo-se que não sabia o que era um templo hindu e que não conseguia ver a diferença entre o cristianismo e o hinduísmo. Nós não temos um único relato de Vasco da Gama! Temos o globo de Martim Behaim, datado cinco anos antes da partida de Vasco da Gama e, fora isso, só temos o relato de um acompanhante da viagem de Vasco da Gama, que atribuímos a Álvaro Velho e que só vai até à Serra Leoa. Acaba aí, não fala em absolutamente mais nada! Não é um relato científico, é um relato de curiosidades escrito por alguém que fez a viagem e se lembrou de tirar apontamentos.
É errado, com base nisto, afirmar que Vasco da Gama não sabia a diferença entre cristãos e hindus! Porque nós não sabemos. Não lemos nem vimos o relato que Vasco da Gama fez a D. Manuel I! Nem sabemos se existe ou se alguma vez iremos ter acesso a ele.
O que notei foi uma grande diferença entre a carta de D. Manuel aos Reis Católicos, depois da chegada do primeiro navio, e a carta de D. Manuel ao Papa, depois da chegada do segundo navio, onde vinha Vasco da Gama e cujo atraso se deveu à morte de Paulo da Gama, que foi enterrado na Ilha Terceira. Seja como for, há dois relatos diferentes: o que veio pela caravela "Bérrio" e o que veio pela nau "S. Gabriel" de Vasco da Gama.
O que para mim é um facto histórico são as ordens que D. Manuel deu a Vasco da Gama! Vasco da Gama diz: "Cristãos e especiarias!". E quando o primeiro português sai da armada de Vasco da Gama, na Costa do Malabar, fala com dois comerciantes muçulmanos, um dos quais sabia falar castelhano. E as suas palavras são: "Hombre! Que diablo! Que buscas aquí?!". Ao que o português responde: "Cristãos e especiarias!". E nesta ordem de sequência! O que nós procurámos, em

primeiro lugar, naquela viagem, foram cristãos. Para mim, a viagem de Vasco da Gama foi, em primeiro lugar, uma viagem de pesquisa diplomática. Ele nem sequer levou mercadoria suficiente para fazer um grande negócio! A mercadoria que levou, que apresentou na praia, era absolutamente ridícula! Aquilo, para mim, foi uma tentativa diplomática. Claro, tentativa de também encaminhar o lado comercial, que depois cresceu. Mas, a meu ver, nunca foi dado o devido relevo à busca dos cristãos por parte de Vasco da Gama e essa busca, no entanto, é fundamental. Depois do reinado de D. João III, o Pio, todo o conhecimento dessa busca dos cristãos foi radicalmente banida de todas as nossas universidades; ninguém mais podia falar acerca disso, porque esses tais cristãos abexins ou são-tomenses foram todos classificados de hereges e por causa disso era como se não existissem.

O Professor mencionou que lhe falaram em 20 milhões de cristãos naquela época. Portugal, na altura, teria um milhão de habitantes...

R.D.: Eu estou a falar de 20 milhões na Índia. 20 milhões na Índia é pouca gente. Recordo que, ainda hoje, no sul da Índia, existem dois milhões de cristãos são-tomenses. E nós aí, infelizmente, escrevemos uma página muito negra. No ano de 1599 deu-se o Sínodo de Diamper, onde foi dada a ordem de queimar todos os livros sagrados dos cristãos da Índia e acabar com todos os seus ritos. A nossa única desculpa foi que estávamos sob o domínio de Castela. Os documentos originais estão no Palácio da Ajuda.

Resposta a uma senhora que pede que aprofunde um pouco o tema da mudança de atitude — que aconteceu a partir de certa altura — em relação à tolerância para com outras formas de cristianismo.

R.D.: Essa questão é talvez a mais importante que surgiu até agora. Porque, de facto, há uma grande diferença entre a Expansão Portuguesa inicial e a que se faz a partir de uma certa altura. O grande problema residia numa só frase: D. Manuel I era cristão e o papa era católico! Aí é que está a ruptura total! E a ruptura dá-se porque D. Manuel, como cristão e como antigo Grão-Mestre da Ordem de Cristo e, sob esse ponto de vista, descendente de toda a problemática e de toda a iniciação templária, era um homem que já tinha uma enorme carga de aprendizagem com o Oriente. E a aprendizagem com o Oriente ensinou-nos a tolerância. E isso, infelizmente, era uma coisa que em Roma, naquela época, não existia. D. Manuel mandou 40 e tal fidalgos portugueses a Roma e mandou 400 e tal a Lalibela, na

Etíopes, moçambicanos e cristãos da África Oriental, vistos por Linschoten no séc. XVI.

Habitantes do Reino de Pegu, das Ilhas Molucas e cristãos são-tomenses da Índia, vistos por Linschoten no séc. XVI.

O PADRE NOSSO

O Padre Nosso dos *Cristãos de S. Tomé*, em língua malabárica, conforme revelado pelo padre holandês Filipe Baldeus em 1671. *Cristãos de S. Tome*, é o nome dado aos seguidores deste apóstolo, cuja acção divulgou o cristianismo em todas as costas do Índico, muito antes da chegada dos portugueses.

A laje inscrita com o Padre Nosso em língua Malaialam, conforme publicado por Philipus Baldaeus, padre holandês que assistiu às conquistas das feitorias portuguesas no séc. XVII.

Abissínia, para ajudar o Negus. D. Manuel mandou adquirir em todo o Portugal uma biblioteca de 2.500 volumes — estou a falar de incunábulos e de livros de horas, página por página pintados à mão —, e mandou oferecê-los ao Negus da Abissínia. Se hoje se descobrisse essa biblioteca, seria uma coisa simplesmente fabulosa! D. Manuel cometeu um enorme "crime": todas as tipografias existentes no fim do século XV estavam na Europa e sob a alçada da censura oficial da Igreja. E D. Manuel, apesar disso, ofereceu uma tipografia com "x" peças de maquinaria, com "x" moldes de fundição das letras, ao Negus da Abissínia! E o Negus da Abissínia, com essa tipografia, podia divulgar a sua versão do cristianismo! Isso era considerado altamente inconveniente.

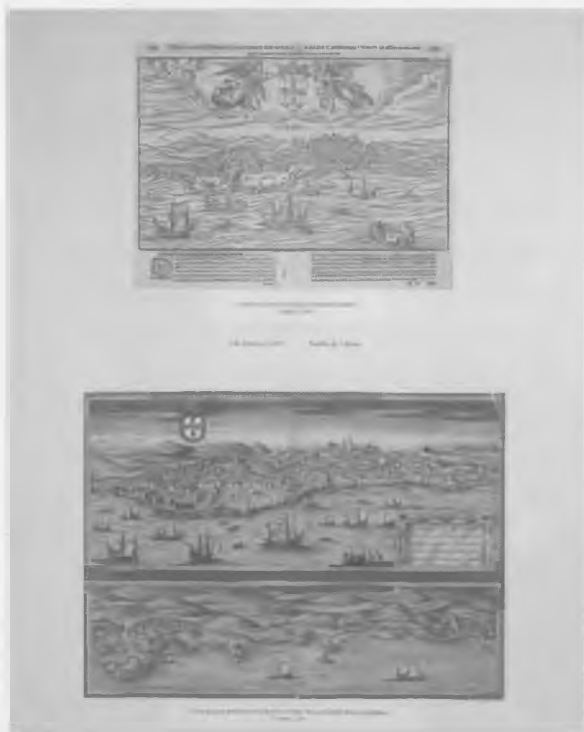
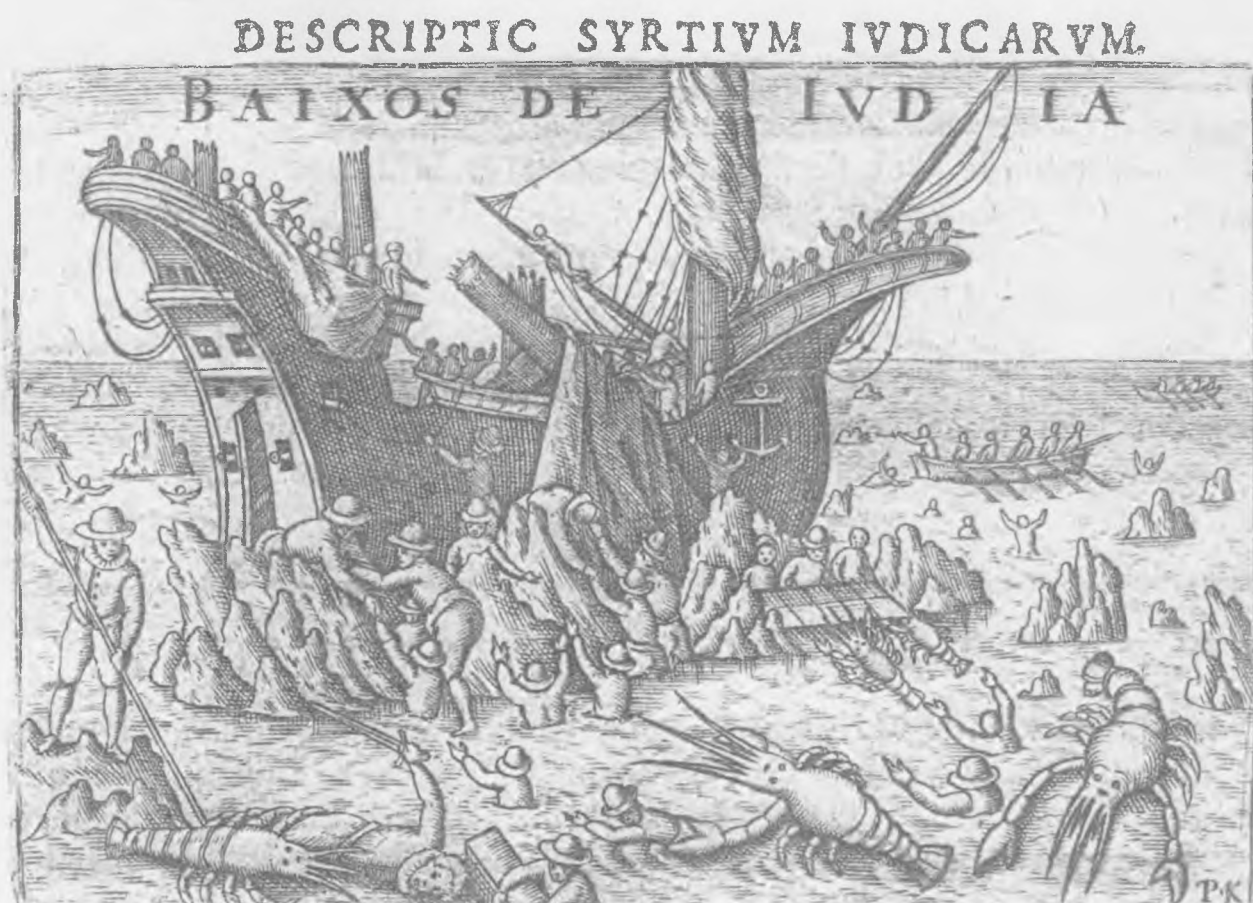
Portugal era um país pequeno e internacionalmente tolerado... por ser pequeno. De repente, este país pequeno começou a sair e começou a crescer. A crescer geográfica e economicamente e com peso político internacional. E isto começou a ser mal visto em alguns lugares. Os maiores inimigos que Portugal teve nessa altura foram dois: Roma e Veneza. Devo dizer que Veneza enviou artilheiros dos mais sofisticados ao rei de Cambaia para combater os portugueses. Veneza enviou artilharia com fundidores artilheiros ao Samorim de Calecut para combater os portugueses. Veneza enviou mesmo uma esquadra inteira: uma esquadra que foi construída no Mediterrâneo, desmontada em Alexandria, transportada para o Suez, aí remontada e oferecida ao respectivo Paxá, porque eram barcos de alto bordo e capazes de fazerem frente a esquadras portuguesas. Aliás, o filho que D. Francisco de Almeida perdeu em Chaul, morreu em combate contra essa esquadra, esquadra essa financiada, orquestrada e oferecida por Veneza. Mas, política e diplomaticamente, não nos convinha dizer isso.

Ainda sou do tempo em que se tinha de aprender que as invasões que se davam em Angola eram financiadas somente pelos marxistas. Pois eu comprei milhares de armas apreendidas aos inimigos e qual foi o meu espanto quando vi: Springfield, Massachusetts! Uma grande parte das armas utilizadas pelos terroristas, em Angola, era oferecida pelo governo americano! Mas oficialmente não se podia dizer isso. E no século XVI não se podia dizer que nós estávamos a lutar contra Veneza e contra Roma. Grande parte dos Papas tinham fortes ligações com Veneza. E Roma e Veneza agiam interligadas. Um pormenor, como exemplo: o nosso Afonso de Albuquerque, a dada altura, fez uma sugestão de génio. Há três cidades santas maometanas: Meca, Medina e Jerusalém. Meca e Medina são difíceis de atingir. Jerusalém fica relativamente perto da costa mediterrânica. E Afonso de Albuquerque planeou tomar Jerusalém. O Negus da Abissínia ofereceu três mil cavalos. E Afonso de Albuquerque preparou três mil cavaleiros. Pediu autorização a D. Manuel para tomar Jerusalém. D. Manuel mandou uma carta ao Papa, pedin-

do-lhe a benção para essa cruzada e o Papa proíbe-a totalmente! São pequenos pormenores que nos fazem pensar.
O problema é que Portugal cresceu depressa demais. E como cresceu depressa demais, de repente passou a ter inimigos muito fortes. Sobretudo na alta finança internacional. Reparem num pormenor que aqui foi mencionado há pouco: a importância da pimenta. Portugal fez um golpe de mestre com a pimenta! Quem dirigia o valor da pimenta na Europa eram os comerciantes de Veneza. A pimenta vinha por caravanas e por navios muçulmanos, atravessando muitos caminhos. Ia para Constantinopla ou Alexandria, mas chegava sempre à Europa através de Veneza. E era um pequeno grupo de comerciantes venezianos que estabelecia o valor das especiarias e que, por sua vez, as vendia aos outros. Mas eles é que estabeleciam os valores! E não eram nada meigos. Quando Portugal passou a importar directamente as especiarias, o que é que Portugal fez? Nós ainda hoje temos um local chamado Praça do Comércio. A pimenta vinha naqueles grandes potes martabans, naquelas bilhas enormes. Eram postos nas balanças e eram os comerciantes da Flandres, de Hamburgo, de Londres, de Bremen, de Paris, até de Itália, que vinham a Portugal e que, em disputa pública, em leilão, arrematavam esses potes de especiarias. Isso significou que o valor das especiarias baixou imediatamente. E como o valor das especiarias baixou, cortaram-se aqueles imensos intermediários e Portugal ganhou na mesma um dinheirão. Mas como o valor baixou de repente a nível internacional, foi possível lançar no mercado europeu especiarias a um preço tão baixo que mesmo as donas-de-casa de um nível social inferior se podiam dar ao luxo, de vez em quando, de condimentar as suas comidas com as especiarias. Isto mudou por completo a forma de alimentação europeia. Como o número de pessoas que queriam especiarias era cada vez maior, os portugueses podiam trazer mais especiarias e conseguiam lançá-las todas no mercado. E ganharam imenso com isso. Quem permitiu a primeira disputa aberta na balança do mercado livre foram os portugueses, em Lisboa. E com isso cortaram o tal monopólio de Veneza. Esta cidade do Adriático foi, durante muitos séculos, a porta de entrada das mercadorias da Ásia. E, de repente, passou a ser Lisboa, o que significou que Portugal ganhou um incrível inimigo: Veneza. E este inimigo utilizou as suas influências em Roma contra nós. Depois, Portugal caiu no "erro" de abraçar cristãos em África, em Socotorá, no Malabar e em Coromandel, cristãos esses que eram convictos, mas que não se submetiam à hierarquia de Roma. Isto foi demais... e Portugal foi "condenado à morte"! Alcácer-Quibir foi só uma consequência disso. D. João II morreu envenenado. D. Manuel I, muito provavelmente, também morreu envenenado. Os nove filhos de D. João III morreram todos de mortes muito estranhas. Até mesmo o pai de D. Sebastião morreu 18 dias antes do

EUROPA
Estreito de Gibraltar
ASIA
PERSIA
Cambaya
INDIA
BARBARIA
AFRICA
Tropico de Cancro
ABYSSINIA
LINHA EQUINOCIAL
CONGO
CAFRARIA
Brasil
AMERICA
Ins Ascensao
Ins S. Helena
Iª de Martin Vaz
S. Lurenco
Tropico de Capricornio
Nao Madre de Deus
Nao S. Pedro de Alcantara
Australes incognita
I. Ambsterdam
I. da Nao S. Paulo
Madeira
Lisboa
Angola
Maldives
Mascarenhas
I. J. Lidl Sc. Viennæ.

Na página anterior:

Rota da Carreira das Índias copiada dum portulano português por Lidl, de Viena.

Lisboa, a entrada do Tejo e a costa de Cascais até Belém, vistas por navegadores quinhentistas alemães ao serviço da Coroa de Portugal.

Um naufrágio português no Canal de Moçambique. Gravura a cobre de cerca de 1600.

nascimento do próprio filho. E depois, a organização obreira de toda esta conspiração pegou no Infante, uma criança de poucas semanas, e entregaram-na a dois padres jesuítas para que a educassem.
Portugal cresceu demais. Portugal estava a interpretar uma forma de cristianismo que não era a forma de cristianismo que naquela altura Roma defendia e isso teve muito graves consequências. Por isso, historicamente, a mudança de atitude na Expansão Portuguesa deu-se durante o reinado de D. João III. Não é por acaso que ele é chamado "o Pio". Foi D. João III quem introduziu a Inquisição em Portugal e depois em Goa. Por que razão a Inquisição foi instalada em Goa? Para converter hindus? Para converter muçulmanos? Não! Foi para destruir os cristãos que lá existiam e que não se submetiam a Roma! Este foi o grande crime que nós cometemos e do qual não temos sequer conhecimento.

Cochim, primeiro poiso das ossadas de Vasco da Gama, navegador português que cumpriu a sua razão de existência.

CONCLUSÕES

Durante séculos, por sistemática omissão da questão cristã, fomos mal informados sobre a viagem de Vasco da Gama à Índia.

Com o cada vez mais crescente materialismo racionalista, ensinado após a Revolução Francesa, por toda a Europa, e com a ausência da menção da principal razão de toda esta viagem, que foi a procura de aliança com os cristianismos do Índico, instalou-se a interpretação de que a viagem se realizou, exclusivamente, por razões comerciais.

A esta versão, nitidamente tendenciosa e imposta tanto pelos historiadores eclesiásticos — que não consentiam em classificar como cristãos os que abraçavam a fé de Cristo, mas que não se submetiam a Roma —, como pelos historiadores "encartados", sujeitos às conveniências políticas, juntou-se, mais recentemente, uma nova versão. Esta, ainda mais perturbante do que as anteriores, nega toda a necessária objectividade que deve distanciar conceitos éticos e morais actuais, distintos dos que outrora regiam as mentes, acabando por atribuir a Vasco da Gama e sua viagem um carimbo de "pirataria". Aos incautos, apresenta-se, assim, uma das páginas mais significativas escritas pela lusa gente na evolução geral da humanidade, como um acto terrível, que não nos honra e mais merece ser esquecido!

Primeiro a Igreja, depois a Filosofia Materialista e agora a Política Servilista Escravizante conseguiram, com esta sistemática detracção, deturpar por completo a Verdade Histórica.

Quer se queira, quer não, os factos históricos são os seguintes:

1) Com a queda de Constantinopla (1453), caiu a grande barreira cristã que o Império Bizantino havia criado contra o avanço do Islão em direcção à Europa;

2) O Papa pediu a todos os Reis da Cristandade que assumissem uma Guerra Santa, uma NOVA CRUZADA GERAL contra o Islão;

3) D. Afonso V aceitou esta Cruzada, criando a Ordem da Espada, divulgada pela cunhagem e circulação das moedas chamadas "espadins" e empenhou-se em conquistar praças muçulmanas norte-africanas. Começou, assim, a vertente lusa desta Cruzada Global;

4) A viagem de Vasco da Gama foi:

a) Uma preparação para levar esta Guerra Santa até ao Índico;
b) Uma acção diplomática para unir os Cristãos Coptas e os Cristãos São-Tomenses do Índico à Ordem de Cristo;
c) A procura das especiarias também teve peso, mas secundário, quando comparado com a procura de Cristãos;

5) A dificuldade em distinguir Hindus de Cristãos São-Tomenses ainda hoje se mantém. As suas vestes e as suas alfaias religiosas são muito parecidas.

6) Vasco da Gama falhou na sua tentativa de aliança com o Samorim, mas estabeleceu altas esperanças em alianças LUSO-COPTAS e LUSO-CRISTÃO-SÃO-TOMENSES.

7) O fortalecimento das ligações entre a ORDEM DE CRISTO e os CRISTÃOS DO ÍNDICO teve importantíssimas consequências:

a) Os Cristãos Abexins aliaram-se aos portugueses, construindo-se uma aliança baseada na fraternidade cristã, com vertente militar, comercial, pedagógica, missionária e de ajuda humanitária;
b) Os Cristãos São-Tomenses entregaram a Vasco da Gama o ceptro do seu antigo Rei Cristão do Índico, pedindo que o Rei de Portugal os aceitasse como seus súbditos. O luso monarca teve assim milhões de súbditos nas costas do Índico, sem possuir sequer um palmo de terra na Ásia!
c) D. Manuel I apresentou ao Papa este novo e intercontinental Império, baseado na mútua aceitação de cristãos por cristãos, para ser reconhecido como Imperador;
d) Os Papas quinhentistas porém, classificaram estas formas de cristianismo como heresias, proibindo quaisquer contactos;
e) Por esta razão, omitiu-se, genericamente, na maioria dos nossos livros de História, a existência destes contactos, bem como o principal motivo para a realização da viagem de Vasco da Gama. Fomos enganados!

CRONOLOGIA DOS
DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

CRONOLOGIA DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES

Qualquer lista deste género deveria começar com o seguinte aviso: "SALVO MELHOR CRITÉRIO". As nossas vidas são meros períodos de aprendizagem. Cada dia tem as suas lições, análises e conclusões. O que parece "certo" durante longos anos, pode vir a ser rectificado por novos dados que nos provam que, "afinal não foi bem assim". O costume universitário de defender teimosamente as versões consideradas "certas", simplesmente por terem sido ensinadas durante gerações, ou por serem as politicamente mais "correctas", representa a antítese da Ciência. Nem tudo o que se ensina corresponde à verdade histórica! Muitas conclusões devem ser revistas por terem sido construídas em frágeis pés de barro. A criação de temáticas "tabus" acorda, ainda mais, a vontade dos investigadores em se debruçarem, a fundo, sobre a respectiva matéria, ao menos para descobrir o "porquê" da razão do ocultar de certos factos.

Como exemplo recente temos o caso do massacre da floresta de Katyn. Ainda há vinte anos atrás se ensinava que os alemães tinham morto todos os oficiais polacos aprisionados. Diversos oficiais alemães, de altas patentes, foram enforcados pelos russos e americanos, com base nesta acusação. Porém, as recentes mudanças políticas em Moscovo chegaram ao ponto de o Presidente Gorbatchev reconhecer, publicamente, que estes polacos tinham sido mortos pela polícia política soviética. Um dos mais destacados oficiais desta força de elite policial soviética foi mais longe e explicou, pormenorizadamente, como tudo ocorreu. Deve-se a ele a explicação de um grande enigma nesta questão: cerca de onze mil oficiais polacos foram aprisionados pelos soviéticos e quinze mil foram mortos...! O que aconteceu foi que se haviam elaborado listas prévias de toda a "inteligência polaca". Como estes seres pensantes eram politicamente inconvenientes para o estabelecimento de um obediente estado-satélite, prenderam-se estas personagens e fuzilaram-se as mesmas junto com os oficiais para que a Polónia não renascesse! Os novos livros de História já são hoje obrigados a reverem esta questão e a informarem sobre o que se sabe.

Hoje ensina-se que foi no dia 22 de Julho de 1969 que, pela primeira vez, um

ser humano pisou o solo lunar. A viagem da tripulação da nave Apolo 11 e os primeiros passos de Neil Armstrong na Lua, foram um marco histórico na evolução da humanidade, muitas vezes comparados com a viagem de Vasco da Gama. Mas será uma indiscutível verdade histórica que, de facto, esta tenha sido a primeira vez? Tudo parece indicar que sim. Porém, há relatos na *Bíblia* acerca das viagens de Matusalém e também em livros sagrados orientais que nos falam de viagens no espaço e no tempo que não são de menosprezar. Terá sido por essa razão que o *Livro de Enoch,* filho de Matusalém, foi banido do Velho Testamento?

Nos anos 60 e 70 tive muitos contactos com pessoas que trabalhavam para a NASA e alegrei-me com eles pelo sucesso da chegada do Homem à Lua. Na qualidade de "Visiting Professor", dei palestras no Smithonian Institut em Washington, na Arizona Historical Society, em Phoenix e no Harvard Club, em Nova Iorque, a convite da National Academy for School Executives. Fiquei amigo de diversos cientistas americanos, tendo-os recebido também em minha casa. Por duas vezes tive assim visitas de astronautas americanos e, nas longas e interessantíssimas conversas, notei sempre uma certa hesitação em passar da "versão oficial" para a "real". Tocando especificamente nesta questão da chegada do Homem à Lua, tive que enfrentar a barreira do "conhecimento altamente classificado" que não pode ser transmitido. Fiquei com a noção de que esta data de 1969, embora a oficial, presente em todos os nossos livros de História, talvez não seja tão segura como nos parece.

Estes exemplos, aqui apresentados exclusivamente para nos acordarem para a constante necessidade da reconfirmação até ao aparecimento de novos dados, devem-nos consciencializar sobre as limitações das nossas "certezas".

É por isso que uma CRONOLOGIA não pode ser considerada completa ou dogmática, estando sempre sujeita ao aparecimento de novos dados.

Tendo tudo isso em conta, oferecemos aqui o seguinte:

Séc. I — Embarcações lusas são mencionadas, em plena época romana, como tendo aparecido na Grã-Bretanha.

Séc. V — Uma expedição Vândala-lusa vai de Cartago às Canárias.

Séc. V — A armada vândala, construída com apoio luso, aniquila a do Império Romano Ocidental e apodera-se das Baleares, da Córsega, Sardenha, Sicília, Malta, desembarcando na península italiana e tomando Roma.

Séc. V — A armada vândala, construída com apoio luso, aniquila a do Império Romano Oriental e apodera-se da Líbia, do Egipto e da Palestina, divulgando o Cristianismo (na sua versão ariana de Arius, bispo de Alexandria) por toda a bacia do Mediterrâneo.

Séc. XII — Uma expedição moçárabe sai de Lisboa em direcção aos Mares da Islândia, descendo de seguida aos Açores. Desembarcando numa das ilhas do Atlântico, provavelmente a actual São Miguel, segue depois para as Canárias, onde a tripulação acaba por ser presa e mais tarde largada na costa norte-africana.

Séc. XIII — Embarcações de pesca e comerciais portuguesas percorrem o Mar do Norte e o Mediterrâneo.

Ano 1415 — D. João I e seus filhos surgem com uma armada de 220 embarcações frente à costa norte-africana e acabam por tomar Ceuta.

Ano 1416 — Frei Gonçalo Velho alcança o Cabo Não, fazendo um levantamento cartográfico de toda a costa norte-africana até este ponto.

Ano 1419 — João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira descobrem a Ilha de Porto Santo, a primeira do Arquipélago da Madeira a ser descoberta.

Ano 1419 — Zarco, Teixeira e Perestrelo descobrem a Ilha da Madeira.

Ano 1420 — Inicia-se a colonização portuguesa das ilhas da Madeira e de Porto Santo, ambas até então desabitadas.

Ano 1432 — Frei Gonçalo Velho Cabral chega à Ilha de Santa Maria nos Açores.

Ano 1434 — Gil Eanes consegue passar o Cabo Bojador, o ancestral limite psicológico da navegação costeira africana.

Ano 1437 — Expedição militar portuguesa à costa africana para tomar Tânger, com trágicas consequências.

Ano 1440 — Dinis Fernandes e Antão Gonçalves descobrem a Costa de Sene Gâmbia.

Ano 1441 — Antão Gonçalves descobre Asagete e o Rio do Ouro.

Ano 1443 — Nuno Tristão descobre a Ilha das Garças.

Ano 1444 — Eanes e outros continuam na descoberta parcial de mais e mais zonas desconhecidas da costa africana.

Ano 1445 — Gonçalo de Sintra chega ao Cabo Branco mas acaba por ser morto.

Ano 1446 — Nuno Tristão e 18 dos seus companheiros continuam a descobrir mais zonas da linha costeira africana, mas acabam por ser mortos por indígenas com azagaias envenenadas.

Ano 1447 — Dinis Dias e Cadamosto chegam à Guiné.

Ano 1458 — D. Afonso V envia uma expedição a África e toma a praça de Alcácer-Seguer.

Ano 1460 — António da Nola, em serviço do Rei de Portugal, descobre o Arquipélago de Cabo Verde.

Ano 1462 — Pedro de Sintra chega à Guiné.

Ano 1462 — João Vaz Corte Real e Álvaro Martins Homem chegam à Terra Nova também chamada TERRA DO BACALHAU (Newfoundland). Enquanto todas as expedições no seguimento da linha costeira africana são organizadas

pela Ordem de Cristo ou por directas ordens régias, as expedições dos Açores em direcção ao Ocidente, embora permitidas pelo Rei, são de total iniciativa, financiamento e risco dos que nelas se arriscam.

Ano 1469 — Fernão Gomes prossegue o descobrimento da linha costeira africana que se segue à Guiné.

Ano 1470/71 — João de Santarém e Pêro Escobar descobrem as ilhas de São Tomé, Príncipe e Ano Bom.

Ano 1471 — D. Afonso V conquista Arzila e ocupa Tânger.

Ano 1472 — João Afonso de Aveiro descobre o Reino de Benim.

Ano 1474 — Rui Sequeira e Lopo Gonçalves descobrem o Cabo Lopo e o de Santa Catarina. Também se descobrem as ilhas mais ocidentais do Arquipélago dos Açores, chamadas Ilhéus Floridos das Flores e do Corvo. Muito provavelmente nesse mesmo ano descobrem-se as Antilhas.

Ano 1482 — Diogo de Azambuja começa por construir a Fortaleza da Mina.

Ano 1485 — Diogo Cão descobre o Rio Congo e o Reino de Mani.

Ano 1485 — Dias de Novais chega à Baía de Luanda.

Ano 1486 — D. João II oferece privilégios especiais ao cavaleiro alemão Fernão de Ulm, capitão da Ilha Terceira, por ter feito uma viagem a ocidente dos Açores à sua custa e descoberto uma grande ilha e terra firme e uma ilha que se presume ser a das Sete Cidades.

Ano 1487 — Bartolomeu Dias passa pelo Cabo da Boa Esperança.

Ano 1487 — Pêro da Covilhã e Afonso Paiva viajam disfarçados pelo Mediterrâneo para chegarem ao Reino do Preste João.

Ano 1490 — Pêro da Covilhã chega à Índia pela rota árabe. Atinge Calecut como comerciante a bordo de uma embarcação muçulmana e segue para a Etiópia e Sofala na costa ocidental africana.

Ano 1492 — Cristóvão Colombo, ao serviço oficial de Castela, chega às Antilhas.

Ano 1495 — João Fernandes Lavrador e Pêro de Barcelos pesquisam as costas do continente norte-americano a partir da, desde então, chamada Terra do Lavrador.

Ano 1497 — Vasco da Gama passa o Cabo da Boa Esperança e chega ao Natal.

Ano 1498 — Vasco da Gama chega a Melinde na África Oriental, atravessa o Índico e chega à Índia.

Ano 1500 — Pedro Álvares Cabral chega ao Brasil, também chamado TERRA DE SANTA CRUZ, TERRA DE VERA CRUZ, TERRA DO PAU BRASIL ou TERRA PAPAGALLI.

Ano 1500 — Gaspar Corte Real continua a pesquisa das linhas costeiras norte-americanas ligadas à Terra do Lavrador.

Ano 1501 — João da Nova descobre as ilhas da Ascensão e de Santa Helena.
Ano 1502 — Pedro Álvares Cabral chega a Cochim e Patlá percorrendo toda a Costa do Kerala.
Ano 1503 — Vasco da Gama descobre as Seychelles.
Ano 1504 — Lopo de Abreu chega a Aden.
Ano 1505 — Lourenço de Almeida chega ao Ceilão (Sri-Lanka).
Ano 1506 — Tristão da Cunha descobre a costa ocidental do Madagascar.
Ano 1508 — Diogo de Solis, ao serviço de Castela, descobre o Rio de la Plata e a Argentina.
Ano 1511 — Garcia de Noronha descobre os Rochedos de São Pedro.
Ano 1511 — António de Abreu chega a Sumatra, Java e à Malásia.
Ano 1512 — Mascarenhas descobre as Ilhas de Mascarenhas, a de Rodrigues e a de Reunião.
Ano 1515 — Jorge Álvares chega à China.
Ano 1516 — Duarte Coelho chega aos Reinos de Bengala, Arracão, Pegu, Martabão, Sião e à Cochinchina (Vietname).
Ano 1517 — Portugueses entram na China pela província de Guangdong começando o trato com Cantão.
Ano 1517 — Portugueses chegam a Timor.
Ano 1517 — Fernão Peres de Andrade viaja por toda a China.
Ano 1519 — Martim Vaz descobre a ilha Vaz.
Ano 1519 — Fernão de Magalhães parte, sob bandeira de Leão e Castela, para a primeira circum-navegação do planeta. A intenção era chegar só às Molucas indo e vindo pelo Pacífico. A impossibilidade de voltar pelo Pacífico obrigou à circum-navegação já após a morte de Magalhães nas Filipinas.
Ano 1520 — Fernão de Magalhães passa o estreito de Magalhães, do qual aliás já possuía cartas portuguesas.
Ano 1521 — Fernão de Magalhães entra no Pacífico.
Ano 1522 — Cristóvão Mendonça chega à Austrália.
Ano 1525 — Gomes de Sequeira também chega à Austrália.
Ano 1525 — João Fagundes descobre as Ilhas Fagundes e explora a costa de Chesapeake.
Ano 1526 — Jorge Menezes descobre a Nova Guiné e entra no Mar de Banda.
Ano 1537-58 — Fernão Mendes Pinto viaja pela Índia, Cochinchina, Tartália e a China.
Ano 1542 — João Rodrigues Cabrilho, sob bandeira de Castela, explora a costa californiana.

Ano 1543 — Fernão Mendes Pinto, com dois companheiros, chega ao Japão, onde acabam por introduzir a espingarda e o parafuso, dois elementos técnicos que revolucionam não só a história mas toda a evolução do Extremo Oriente.

Ano 1578 — Luís Teixeira representa no seu portulano o conhecimento português de toda a costa da Noruega até à Península Russa de Nova Zembla.

Ano 1588 — Maldonado vai por Spitzbergen (passagem noroeste)

Ano 1595 — Queiroz descobre as Novas Hébridas e as ilhas Marquesas.

Ano 1606 — Manuel Godinho de Herédia chega à Austrália.

Ano 1701 — David Melgueiro, sob bandeira francesa, veleja do Japão a Portugal pela passagem noroeste (Spitzbergen), já anteriormente conquistada por João Martins.

Esta lista nada mais pretende ser do que uma pequena achega a uma temática tão vasta e tão discutível que jamais estará completa e sem ferrenha oposição. O terramoto de 1755, com a destruição da Casa da Índia no lado oriental do Terreiro do Paço de Lisboa, onde se guardavam os nossos portulanos e diários de bordo, anularam, de vez, a hipótese de se poder fazer um levantamento mais rigoroso, mais completo e menos discutível.

BIBLIOGRAFIA

ABBÉ GIUSTINIANI, *Histoire des Ordres Militaires ou des Chevaliers.* Amsterdam, 1721.

A. LESAGE, *Atlas Historique.* Paris, 1807.

Dr. ALEXANDRE FERREIRA, *Memórias e Notícias Históricas da Célebre Ordem Militar dos Templários na Palestina, para a História da Admirável Ordem de Nosso Senhor Jesu Christo.* Lisboa, 1735.

ALFREDO O D'AZEVEDO MAY, *Novo Atlas Universal de História e Geographia.* Paris, ca. 1880.

ÁLVARO J. D. C. PIMPÃO, *A Historiografia Oficial e o Sigilo sobre os Descobrimentos.* Lisboa, 1938.

ANDREAS BECK, *Der Untergang der Templer.* Freiburg, 1992.

Padre ANTÓNIO CORDEIRO, *História Insulana.* Lisboa, 1866.

ANTÓNIO ALBERTO BANHA DE ANDRADE, *Mundos Novos do Mundo.* Junta de Investigação do Ultramar. Lisboa, 1972.

ANTÓNIO FERREIRA DE SERPA, *Terras do Preste João das Índias.* Manuscrito.

ANTÓNIO PIGAFETTA, *Magellans Weltumsegelung.* Reedição de 1968.

ANTÓNIO QUADROS, *Portugal, Razão e Mistério.* Lisboa, 1986.

P. ANTÓNIO VIEYRA, *História do Futuro.* Lisboa, 1718.

Emb. ARMANDO MARTINS JANEIRA, *O Impacto Português sobre a Civilização Japonesa.* Publicações Dom Quixote. Lisboa, 1970.

Dr. ASA J. DAVIS, *Background to the Zaga Zaab Embassy: An Ethiopian Diplomatic Mission to Portugal (1527-1539).* Separata de STUDIA – Revista semestral nº 32. Lisboa, Junho de 1971.

AUGUSTO FERREIRA GOMES, *Quinto Império.* Lisboa, 1934.

AUGUSTO PEREIRA BRANDÃO, *A Aventura Portuguesa.* Editorial Verbo. Lisboa, 1991.

BALDEUS, *Reisen.* Amsterdam, 1672.

BECKERT D'ASSUMPÇÃO, *Novos Mundos ao Mundo.* Edição da Sociedade Histórica da Independência de Portugal. 1989.

Dr. BERNHARD JOSEF WENZEL, *Portugal und der Heilige Stuhl.* Lisboa, 1958.

BERNHARD TÖPFER, *Allgemeine Geschichte des Mittelalters.* Berlin, 1991.

BOIES PENROSE, *Goa–Rainha do Oriente, Goa–Queen of the East.* Lisboa, 1960.

C. R. BOXER, *O Império Marítimo Português, 1415-1825.* Edições 70. 1969.

CAVALHEIRO/DIAS, *Memória de Forasteiros Aquém e Além-mar.* Lisboa, 1945.

CHRISTIAN HOCHE, *Lalibela.* In "L'Express", numero 4, 1992.

CONSIGLIERI PEDROZO, *Influência dos Descobrimentos Portugueses na História da Civilização.* Lisboa, 1898.

DAMIÃO DE GOES, *Legatio Magni Indorum Imperatoris Presbyterio Johannes.* Antuérpia, 1532.
DAMIÃO DE GOES, *Religio Mores Æthiopum.* Antuérpia, 1532.
DAMIÃO PERES, *Descobrimentos Portugueses.* Porto, 1943.
DAMIÃO PERES, *História dos Descobrimentos Portugueses.* Vertente. Porto, 3ª edição, 1983.
DOMINGOS MAURÍCIO, *A "Carta do Preste João das Índias" e seu Reflexo nos Descobrimentos do Infante D. Henrique.* Edições Brotéria. Lisboa, 1960.
DOMINGOS MAURÍCIO, *Ainda a "Carta do Preste João das Índias".* Edições Brotéria. Lisboa, 1961.
ELAINE SANCEAU, *Em Demanda do Preste João.* Livraria Civilização Editora. Barcelos, 1983.
ESTEVES E RODRIGUES, *Portugal, Diccionário Histórico* (vol. VI). João Romano Torres & C Editores. Lisboa, 1912.
FERNAM LOPEZ, *Chronica del Rey D. Ioam I de Boa Memoria.* Lisboa, 1644.
FERNÃO MENDES PINTO, *Peregrinação.* Joan de Aquino Bulhoens. Lisboa, 1762.
FERNÃO MENDES PINTO, *Peregrinação.* Livraria-editora da Casa do Estudante do Brasil. Rio de Janeiro, edição de 1952.
FERNÃO MENDES PINTO, *Peregrinaçam, oder Die seltsamen Abenteuer des Fernão Mendes Pinto.* Edição alemã, Hamburgo, ca. 1955.
FRANCISCO ÁLVARES, *Verdadeira Informaçam do Reino do Preste João.* Lisboa, 1541.
FREDERIC P. MARJAY/OTTO VON HABSBURG, *Portugal, Pioneer of New Horizons.* Livraria Bertrand. Lisboa, 1965.
G. D'ORCET, *L'Ordre du Christ de Portugal et la Conquête de l'Asie.* Reedição, Lisboa, 1980.
GEORGE CHRISTIAN GEBAUER, *Portugiesische Geschichte.* Leipzig, 1759.
GERHARD STEIN, *Entdeckungsreisen.* Verlag von Carl Flemming, ca. 1883.
GIOVANNI BATTISTA RAMUSIO, *Racolta di Navigationi.* Veneza, 1550.
GIRMA BESHAH and MERID WOLDE AREGAY, *The Question of the Union of the Churches in Luso-Ethiopian Relations.* Lisboa, 1964.
HEINRICH BUNTING, *Itinerarium Sacrae Scripturae.* Hanover, 1581.
Dr. HEINRICH SCHÄFER, *Geschichte von Portugal.* Hamburg, 1836.
HENRIQUE SCHAEFER, *História de Portugal.* Porto, 1895.
HERNANDO DEL PULGAR, *Cronica de los Senores Reyes Catolicos.* Valencia, 1780.
JACINTO FREIRE DE ANDRADA, *Vida de D. João de Castro Quarto Visorey da India.* Na oficina de João da Costa, Lisboa, 1671.
JAIME CORTESÃO, *A Política de Sigilo nos Descobrimentos.* Lisboa, 1960.
JAIME CORTESÃO, *Os Descobrimentos Portugueses.* 2 volumes. Arcádia.
JOHANNES ALBRECHT, *Beiträge zur Geschichte der Portugiesischen Historiographie des Sechszehnten Jahrhunderts.* Bremen, 1915.
JOSEPH F. SCHÜTTE S. I. *Die Wirksamkeit der Päpste fur Japan im ersten Jahrhundert der japanischen Kirchengeschichte.* Roma, 1967.
J. VAZ DE CARVALHO, *O Ideal da Cruzada do Infante D. Henrique.* Lisboa, 1960.
J. VAZ DE CARVALHO, *A Espiritualidade do Infante D. Henrique.* Lisboa, 1960
KURT KRAUSE, *Die Portugiesen in Abessinien.* Dresden, 1912.
LAZARUS GOLDSCHMIDT/F. M. ESTEVES PEREIRA, *Vida do Abba Daniel do Mosteiro de Sceté.* Lisboa, 1897.
LEHNERT, *Coptic Egypt.* Cairo, 1986.
LINDA GOODMAN, *Os Códigos Secretos do Universo.* Rio, 1987.

LUÍS DE ALBUQUERQUE, *Introdução à História dos Descobrimentos Portugueses*. Publicações Europa-América. Edição sob os auspícios do Comissariado para a XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura. Lisboa, 1983.

MARKUS ARMSTRONG, *Fé Cristã e Filosofia Grega*. Lisboa, 1970.

MARTIM DE ALBUQUERQUE, *A Torre do Tombo e os seus Tesouros*. Edições Inapa. Lisboa, 1990.

MERKUS, *Allgemeine Historie der Reisen*. Leipzig, 1755.

MIGUEL DE CASTANHOSO, *Dos Feitos de D. Cristóvão da Gama em Etiópia*. Publicação da Sociedade de Geografia de Lisboa, 1898.

NORMAN COHN, *Na Senda do Milénio – Milenaristas Revolucionários e Anarquistas Místicos da Idade Média*. Lisboa, 1980.

OLIVEIRA MARTINS, *História da Civilização Ibérica*. Lisboa, 1879.

PÊRO PAIS, *História da Etiópia* (3 volumes). Livraria Civilização Editora. Porto, 1945.

PIGAFETTA, *A Report of the Kingdom of Congo*. Edição inglesa de 1597.

QUIRINO DA FONSECA, *Os Navios do Infante D. Henrique*. Lisboa, 1958.

RAINER DAEHNHARDT, *Die Geschichte Schreibt der Sieger*. Leonberg, 1986.

RAINER DAEHNHARDT, *Os Descobrimentos Portugueses e a Expansão Marítima*. Lisboa, 1989.

RAINER DAEHNHARDT, *Alguns Segredos da História Luso-Alemã. Lisboa*, 1990.

RAINER DAEHNHARDT, *Para Além da Taprobana – de Lisboa a Nagasaqui*. Catálogo da Exposição no Palácio Nacional de Mafra. 1994.

RAINER DAEHNHARDT, *A Missão Templária nos Descobrimentos*. Edições Nova Acrópole. Lisboa, 1991.

RAINER DAEHNHARDT, *A Espada dos Navegadores*. Lisboa, 1994.

Dr. RAOUF HABIB, *The History of the Coptic Art & its Coptic Museum*. Cairo, ca. 1970.

RAYMOND BEAZLEY, *O Infante D. Henrique e o Início dos Descobrimentos Modernos*. Porto, 1945.

RICHARD HENRY MAJOR, *Vida do Infante D. Henrique*. Lisboa, 1876.

RUDOLF STEINER, *The Mission of the Archangel Michael*. Dornach, 1919.

SATURNINO MONTEIRO, *Batalhas e Combates da Marinha Portuguesa* (vol. V) 1604-1625. Livraria Sá da Costa Editora.

SEBASTIAN MÜNSTER, *Cosmographia*. Basel, 1544.

SÉRGIO LUÍS DE CARVALHO, *A Ilha do Ouro, 1554-1582, Os Portugueses no Japão*. Texto Editora. Lisboa, 1993.

SOUSA VITERBO, *Trabalhos Náuticos dos Portugueses*. Lisboa, ca. 1900

TIM DOWLEY, *Die Geschichte des Christentums*. Wuppertal, 1979.

VIEIRA GUIMARÃES, *A Ordem de Christo*. Lisboa, 1936.

Dr. WULF METZ, *Weltreligionen*. Wuppertal, 1983.

Obras Gerais:

Anais da Academia Portuguesa de História, vol. IX. Lisboa, 1945.

Arquivo dos Açores, Ponta Delgada, 1885.

As Religiões do Mundo. Círculo de Leitores, 1993.

Der Grosse Brockhaus-Handbuch des Wissens. Leipzig, 1929.

Descobrimentos Portugueses. Instituto Nacional de Investigação Científica. Lisboa, 1988. Edição comemorativa dos Descobrimentos Portugueses.

Die Portugiesen in Indien. Catálogo da Exposição no Kunsthistorisches Museum Wien (21 de Out. 1992 a 10 de Jan. 1993).
Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Editorial Enciclopédia, Limitada. Ca. 1950.
História da Expansão Portuguesa no Mundo, 3 volumes. Editorial Ática. Lisboa, 1937.
História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa. Universidade Aberta. 1990.
Historien der Königsreich Hispannien. 1589.
Meyers Konversationslexikon. Leipzig, 1893.
The Cross in the Early Church. Cairo, ca. 1970.

OUTRAS OBRAS DO AUTOR

* Homens, Espadas e Tomates
* Acerca das Armaduras de D. Sebastião

OBRAS DO AUTOR EM PREPARAÇÃO

* Páginas Secretas da História de Portugal (vol. I e II num só)
* Dos Açores à Antárctida: um dos grandes segredos do séc. XX (em trilogia)
* D. Manuel I e o Grande Segredo dos Reis Iniciados de Portugal

TODAS NAS PUBLICAÇÕES QUIPU

Rua Maria, 48-3º – 1170 LISBOA – Tel./Fax: 812 70 97

orque a realidade dos factos é o rochedo que serve de apoio ao farol...

Porque a luz é a verdade que ilumina o caminho de todos os que procuram...

Porque a História não é uma ciência exacta, qual matemática ou química, mas sim uma tentativa de compreensão de acontecimentos há muito ocorridos...

Porque ela é, com demasiada frequência, escrita pelo vencedor e na versão para ele mais conveniente...

Porque tanto o poder dos Estados como o das Igrejas usurparam pseudo-direitos de censura, exigindo assim que o passado seja interpretado conforme a sua vontade...

Porque o presente se explica pela interpretação do passado e deste só nos chegaram versões tendenciosamente deturpadas, tornando-se necessário ganhar coragem e ousadia para aprofundar questões...

Porque a viagem de Vasco da Gama à Índia foi, durante séculos de ensino, olhada como uma tentativa meramente comercial...

Porque recentemente, chegou mesmo a ser apresentada como simples acção de pirataria, responderemos, levantando-lhe o véu...

Porque temos o direito à verdade e a devemos à memória dos nossos antepassados, pesquisaram-se, agora, as verdadeiras razões desta viagem que foi uma das mais importantes páginas da História da Evolução da Humanidade, escrita pela lusa gente...

Porque 500 anos de obscurantismo forçado são demais...

Porque o peso da verdade dos factos ocorridos nos explica as ordens de um dos maiores monarcas e o seu cumprimento por um dos seus grandes cavaleiros...

Porque a beleza do conhecimento nos abre uma nova porta de compreensão para todo o passado e nos da acesso à dignidade da nossa identidade...

Por tudo isso e por muito mais, esta obra teve de surgir e agora!